



O jornal de estudantes  
de medicina da USP



São Paulo, Maio de 2009 · Ano LXXIX - Edição nº 04

# “Não há dúvida, será nosso”

O Instituto de Infectologia Emilio Ribas é hoje centro de referência em sua área. Localiza-se ao lado do Complexo das Clínicas e da FMUSP, no entanto não há vínculo funcional entre tais estruturas. Até hoje. Uma aproximação da FM com o IER é uma realidade próxima. Como isso irá afetar a graduação? Que vantagens terão os alunos? Saiba mais a esse respeito em uma entrevista com o Diretor da Faculdade de Medicina, o Prof. Dr. Marcos Boulos. Páginas 4 e 5.



E MAIS:

Páginas 14 e 15.

## A voz do aluno

Os Representantes Discentes, mais conhecidos por RD, desempenham um papel fundamental na manutenção dos interesses dos alunos da FM. Esclareça suas dúvidas a respeito desse cargo e descubra como se tornar um RD.

Páginas 6 e 7.

## A história de Oswaldo Cruz

O médico sanitarista que dá nome a duas grandes instituições da FMUSP, o CAOC e a AAAOC, foi alvo de inúmeras críticas e incontáveis elogios durante sua carreira.

Página 10.

## A nova FUVEST

A mudança é irreversível. As discussões são incontáveis. Não falta muito para que a Comissão de Graduação decida qual será a terceira matéria da temida (e totalmente reformulada) segunda fase.

## GREVE, invasões e negociações

A USP passa por importantes eventos no último ano do mandato da reitora Suely Vilela. Todos os alunos estão sendo afetados, mas poucos sabem realmente o que está acontecendo. Entenda mais sobre a situação da Universidade neste mês turbulento.

Páginas 12 e 13.





## EDITORIAL

AS MUDANÇAS  
DE MAIO

O Ensino Superior passou por muitas modificações nos últimos anos. Seja no processo de seleção, com a modificação de provas, uso do ENEM ou a polêmica das cotas, seja na estrutura da Universidade, como o exemplo das diversas greves dos funcionários da USP nos últimos tempos. Os alunos são afetados por todas essas transformações; daí a necessidade de se abordar tais assuntos neste jornal.

Em primeiro lugar temos as modificações nas provas de ingresso na Universidade de São Paulo, a temida por todos FUVEST. Ainda que este assunto não afete diretamente os alunos da FM, afinal não vão prestar a prova, eles podem participar da discussão com a propriedade de quem conhece as dificuldades do exame e o que da matéria cobrada se aproveita na graduação de Medicina. Na edição de abril de O Bisturi, mais de um texto discursava a respeito das mudanças para as quais os vestibulandos devem se preparar. Nesta edição trazemos uma discussão a respeito das matérias a serem cobradas no terceiro dia de prova da segunda fase. Essa decisão cabe à Comissão de Graduação de cada curso, que deve avaliar a utilidade tanto do assunto a ser cobrado quanto do raciocínio por trás deste no futuro do aluno selecionado.

O texto intitulado "Como estão sendo feitas as mudanças na FUVEST", da página 10, traz a opinião pessoal de um aluno sobre a matéria a ser escolhida. Outras opiniões são igualmente válidas e serão aceitas e publicadas no próximo mês, se assim quiser o autor.

Outros pontos de vista certamente enriqueceriam o debate, como é o objetivo desse periódico. Além disso, os RDs (Representantes Discentes) da Graduação poderão esclarecer dúvidas e transmitir sua opinião para os membros do Conselho.

(Você não sabe o que é um RD? Quem são eles e o que fazem? Leia o texto "Para que serve a Representação Discente" nas páginas 14 e 15 dessa edição e informe-se mais a respeito dessa importante ferramenta dos alunos nas decisões da faculdade!)

Se o vestibular é uma realidade distante, os acontecimentos recentes na USP não o são. A greve dos funcionários teve início no dia 5 de maio, data de início da paralisação de serviços como o Bandeirão, o Circular e o CEPE (Centro de Práticas Esportivas). De acordo com o Sintusp, os funcionários pedem o reajuste salarial de 17% mais R\$ 200,00. Também há uma reivindicação para que o sindicalista Claudionor Brandão, ex-diretor do Sintusp, seja readmitido após demissão por justa causa; e para retirada da multa de R\$ 346 mil aplicada contra o sindicato devido à ocupação da reitoria da universidade em 2007. As últimas negociações foram infrutíferas e não há previsão de quando a situação será normalizada.

Como sempre, a direção de O Bisturi incentiva a participação de seus leitores nas futuras publicações. É nossa intenção publicar textos variados de opiniões diversas pois, em nosso entendimento, a pluralidade do jornal é essencial para a manutenção de sua qualidade.

Participe da construção  
de O Bisturi!

Seus textos, resenhas,  
cartas e opiniões  
são essenciais  
para este periódico.

**o Bisturi**

obisturi09@gmail.com

## INFORME

Informamos que o texto sobre a primeira dinâmica do EMA será publicado na próxima edição do Bisturi, e não mais nessa, como antes informado, por problemas técnicos fora de nosso alcance. Porém, temos certeza de que esse tempo a mais enriquecerá o texto, pela incorporação da experiência de novas dinâmicas. Contamos com a compreensão de todos.

## NOTA DA EDIÇÃO

Até o fechamento dessa edição a FUVEST não havia divulgado qual seria a terceira matéria a ser cobrada na última prova da segunda fase para o curso de Medicina (mais informações no texto "Como estão sendo feitas as mudanças na FUVEST", na página 10). Nas próximas edições, a escolha pela geografia será comentada.

A Edição

JORNAL DOS ESTUDANTES  
DE MEDICINA DA USP

Departamento de Imprensa Acadêmica  
Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

## EDITORES-CHEFES

Caroline Gracia Plena Sol Colacique (96) - Jéssica Couto Christino (96)

## COLABORADORES

Ariel Testasica Trunkel (96) Arthur Hirschfeld Danila (94) Bianca Yuki Kanamura (95) Bruno Miguel Muniz Oliveira (96) Filipe Robbe de Siqueira Campos (96) Flávio Mitio Takahagi (96) Gabriel Romero Liguori (97) Gabriel Taricani Kubota (96) Geovanne Pedro Mauro (95) Heni Debs Skaf (95) João Cronemberger Sá Ribeiro (95) Luciana Miyahira (95) Luis Felipe Gurgel Ribeiro Labaki Mariana Faccini Teixeira (97) • Mauricio Menezes Aben-Athar Ivo (96)

## DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES

Volpe Artes Gráficas  
Tel: (11)3654.2306

## IMPRESSÃO

Gráfica Taiga

## TIRAGEM

3.000

Este jornal não se responsabiliza pelos textos assinados. Os textos assinados não refletem necessariamente a posição da gestão. O Bisturi se disponibiliza a publicar cartas-resposta aos textos aqui publicados, mediante envio destes até a data limite para diagramação. Envie textos, dúvidas e críticas para caoc@caoc.org.br.

e a s e ótica

- • • Desconto à vista: 10%
- • • Facilitamos pagamento



## Parecer sobre as Contas CAOC Março 2009

São Paulo, 28 de abril de 2009

Na qualidade de Conselheiro Fiscal da gestão vigente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, dou parecer favorável às contas que me foram apresentadas referente à movimentação financeira do mês de março deste ano.

Aproveito para sugerir a digitalização dos dados a fim de:

Obter maior segurança das informações, com uso de um programa protegido por senha e armazenado em backup em servidor seguro;

Criar um banco de dados ativo, com maior facilidade de acesso posterior para levanta-

mentos que se façam necessários;

Facilitar o acesso e a visualização de informações importantes no dia a dia, reduzindo desta maneira, a manipulação de papéis facilmente danificáveis e que podem ser perdidos, dificultando o trabalho dos tesoureiros.

Sem mais considerações,  
**Felipe Duarte Silva**  
 Relator do Parecer sobre o Balancete de Março do CAOC  
 Conselho Fiscal do CAOC 2009

## Parecer sobre as Contas CAOC Abril 2009

Referente às contas do mês de Abril de 2009 do CAOC, foram averiguado os seguintes itens:

Fluxo de caixa dos produtos vendidos na lojinha do CAOC;

Caderno do fluxo de caixa;

Extrato bancário;

Prestação de contas do mês de Abril de 2009;

Dou o parecer favorável aos itens acima citados.

Sugestões para as próximas avaliações financeiras:

Regulamentação referente à política de gastos de transporte de taxi. Por exemplo, se o representante do CAOC chegar ao local fora do horário de linhas de transporte público funcionando, esteja com material de alto valor econômico ou corra risco de segurança pessoal poderá utilizar o transporte de taxi. Já nos casos em que o representante chegar ao local em horário antecipado do evento e com transporte público funcionando

utilize os meios mais baratos.

Produção de um carimbo específico para o Conselho Fiscal. Pois servira para carimbar as notas fiscais e recibos averiguados com a rubrica de um dos membros do Conselho Fiscal. Dessa maneira ficara comprovada a averiguação do material comprobatório dos gastos da gestão.

Todos os gastos referentes a produtos deverão ser comprovados através de nota fiscal da empresa. Não servindo a emissão de um recibo de reembolso para pessoa física como comprovação de gasto.

Reembolso de transporte para compra do material através da utilização do veículo pessoal de um membro da gestão só devera ser feito através da comprovação da nota fiscal de combustível e o de pedágios caso existirem.

Sem mais,

**Flávio Taniguchi**

## PRESTAÇÃO DE CONTAS DE MARÇO

### RECEITAS – Abril 09

6/abr	Aluguel Café CAOC	R\$	4.441,77
6/abr	Aluguel VG Copiadora	R\$	1.284,73
13/abr	Aluguel Dathabook	R\$	2.545,36
13/abr	Anúncio Dathabook "O Bisturi"	R\$	520,00
14/abr	Venda cadeado	R\$	30,00
15/abr	Anúncio Scientific Post "O Bisturi"	R\$	225,00
16/abr	Aluguel Perfumaria	R\$	1.200,00
23/abr	Stand STB	R\$	250,00
24/abr	Entrada Cervejada	R\$	3.507,15
24/abr	Anúncio Técnicas Americanas	R\$	900,00
30/abr	DIS - Audio Visual Curso de Liga	R\$	400,00
	Entrada da Loja	R\$	2.587,04
	Aluguel de Armários	R\$	1.090,00
<b>TOTAL</b>			<b>R\$ 18.981,05</b>

### DESPESAS – Abril 09

1/abr	FGTS	R\$	150,15
1/abr	Condomínio Imóvel Centro	R\$	121,00
1/abr	Auxílio Intercâmbio	R\$	1.147,20
1/abr	Transporte Secretária	R\$	162,50
1/abr	Salário Secretária	R\$	532,00
1/abr	Reconhecimento de Firma	R\$	31,70
2/abr	Segurança Cervejada	R\$	220,00
2/abr	Chaveiro	R\$	65,00
7/abr	Assinatura Estadão	R\$	35,50
13/abr	Correios	R\$	510,30
13/abr	Inscrições ROEX	R\$	80,00
14/abr	Xerox	R\$	294,40
16/abr	Contabilidade Salário	R\$	290,00
17/abr	Compras Papelaria	R\$	197,75
17/abr	Guia de Previdência Social	R\$	598,95
17/abr	Aventais Loja	R\$	1.667,00
23/abr	Bebidas Cervejada	R\$	5.674,00
23/abr	Inscrição e Transporte AG IFLMS	R\$	190,00
24/abr	Assessoria Jurídica	R\$	200,00
27/abr	Atrações G4	R\$	6.000,00
27/abr	Reembolso COBEM	R\$	110,00
27/abr	Tinas Cervejada	R\$	24,00
28/abr	Contribuição Sindical	R\$	72,40
30/abr	Impressão "O Bisturi"	R\$	2.010,00
30/abr	Parcela Fofito Lucro Cervejada	R\$	510,70
30/abr	TV por assinatura	R\$	126,90
	Tarifas Bancárias	R\$	45,05
<b>TOTAL</b>			<b>R\$ 21.066,50</b>

Receitas	R\$ 18.981,05
Despesas	R\$ 21.066,50
Saldo de Abril	-R\$ 2.085,45
Saldo Anterior da Gestão	R\$ 29.939,27
Saldo Atual da Gestão	R\$ 27.853,83



FACULDADE

# Novos Horizontes para o Instituto Emílio Ribas

Entrevista com o Prof. Dr. e Diretor da Faculdade de Medicina Marcos Boulos

Geovanne Pedro Mauro (95)  
Bianca Yuki Kanamura (95)

Ainda no Império, antes da construção da própria Faculdade de Medicina, foi criado em 1880 o antigo Centro de Isolamento de São Paulo, atual Instituto de Infectologia Emílio Ribas (IER). Localizado logo ao seu lado, o Hospital das Clínicas (HC) é hoje um dos hospitais mais completos e atualizados do país. Estranho notar, no entanto, que o IER e o HC, ambas instituições estaduais públicas, funcionem de forma desarticulada. Isso porque o IER não possui vínculo algum com a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

O Professor Doutor Marcos Boulos, médico infectologista e diretor da FMUSP, falou ao Bisturi sobre uma possível aproximação da FMUSP e o IER, as dificuldades enfrentadas atualmente pelo Instituto, as vantagens e desvantagens dessa aliança e o que isso pode trazer de benefícios ou malefícios aos alunos da Faculdade.

**O Bisturi:** Quais as vantagens da maior relação entre a Faculdade de Medicina e o Instituto Emílio Ribas?

**Boulos:** Eu diria que nós temos vantagens em três frentes: para a Faculdade de Medicina, para o Emílio Ribas e para o Sistema de Saúde.

Para o Hospital das Clínicas (HC), o principal ganho é a divisão de mais pessoas para o departamento de Moléstias Infecciosas, além de uma maior abrangência no atendimento à população, no ensino e na pesquisa pela Universidade, certamente com a oferta de um maior número de casos para a melhor formação do aluno, bem como a liberação de mais espaço para áreas de emergência. O IER também conta com um Pronto-Socorro (PS) e ele acaba sendo referência da cidade e do Estado de São Paulo para os casos de infectologia. Sendo assim, dentro do HC, liberamos uma área importante do hospital, pois já há muito tempo o PS se encontra apertado e a demanda dele já ocupa todo o 4º andar do Instituto Central (IC). Até por uma coincidência,

quando começamos a levantar esse problema, ao pesquisarmos os arquivos relativos ao Instituto, vimos que a primeira demanda do HC solicitando a integração do Emílio Ribas foi em 1966, exatamente devido a demanda reprimida do PS do hospital e a necessidade urgente de mais áreas para emergências.

Para o Emílio Ribas, as vantagens são inúmeras. Eu diria primeiro assistenciais. Hoje o IER é dessincronizado com o HC e toda a demanda assistencial dele é feita fora de lá. Por exemplo, após um pedido de ressonância magnética, esse exame será feito nos lugares mais distantes de São Paulo, demorando um tempo exagerado, muitas vezes para pacientes graves. Toda a demanda, laboratorial e de imagem, poderia ser feita no HC, logo ao lado, que tem a maior estrutura médica e de atendimento do país, e que hoje não pode ser usado porque se trata de outra estrutura e depende de outros acordos. A assistência do IER junto ao HC também pode melhorar com um corpo clínico mais completo e com uma estrutura mais forte. Hoje, 30% do corpo clínico do IER são de especialistas, não de infectologistas, sendo que esses especialistas não estão ligados a nenhuma estrutura acadêmica, mas são coordenados por infectologistas. Junto ao HC, eles estarão dentro de uma estrutura universitária, comandados por serviços padronizados e organizados de ensino das especialidades. E isso também seria uma vantagem para o HC, pois permitirá uma melhor formação dos residentes, permitindo a especialização dentro da Infectologia. O oftalmologista, por exemplo, poderá estudar todos os quadros oftalmológicos da toxoplasmose. A mesma coisa para a neurologia, a demanda neurológica dentro da infectologia é enorme, quase 30% desses pacientes tem acometimento neurológico. Os residentes passarão aqui coordenados pelo centro especializado do Hospital das Clínicas. Para o corpo clínico, você dará uma conotação universitária para um hospital que não é universitário de formação. Os médicos do IER serão também médicos do HC.

Como beneficiário, o Estado é

quem dará coerência em todo esse processo, pois sua função é oferecer o melhor serviço, com o menor custo e com uma qualificação maior. Não tem a mínima coerência você ter a estrutura hospitalar que temos e ter um hospital ao lado que funciona de modo desvinculado e com um custo muito maior. Ter dois espaços com a mesma especialidade sem correlação entre elas. Apesar do produto final assistencial do IER ser bom, a parte de ensino e da pesquisa é ruim. Fazem ensino para várias escolas, mas não tem uma linha de orientação para que isso aconteça. Acho então que essa é uma associação que todos saem ganhando.

Por que isso ainda não aconteceu, se essa demanda tem mais de 43 anos? A grande perda de quem tem perdas nessa briga, na minha compreensão, é política, do governo. Porque eles perdem um local onde podem ter autonomia direta, indicação direta das pessoas do conselho diretivo. Ao ligar-se a uma estrutura como a do HC, que também é do governo, mas é muito mais organizada e possui outros níveis de organização, a interferência de interesses políticos é muito menor.

**O Bisturi:** Haverá novas contratações? O corpo clínico irá mudar? Os professores da USP irão para lá?

**Boulos:** Falo em termos ideais, uma vez que as negociações não estão finalizadas. Digo por exemplo, duas pessoas estão casadas, são dois casamentos diferentes e procuram lugar para morar. De repente percebem que talvez exista uma única casa que pode abrigar um número muito maior de pessoas, que tem a mesma identidade e que podem trabalhar juntos. Mais especificamente, todos nós quando mudamos sentimos receio do novo, o que traz determinados incômodos. Quando você faz uma acomodação de pessoas de origens distintas, de grupos que não se conversam rotineiramente, as pessoas ficam mais cuidadas e se perguntam se essa relação pode ou não dar certo. Então eu digo que como essa relação vai ocorrer, depende do namoro.

Mas em termos de ideal, nós temos o grupo técnico do IER e do HC, que fazem as mesmas coisas. Há en-

*"O diferencial do IER agora será a Faculdade. O HC, por exemplo, é o que é por causa da Faculdade. Fiquem entusiasmados, porque não há dúvida, será nosso."*

tão uma duplicidade desnecessária de muitas coisas. O ideal é que todos trabalhem junto no IER, que hoje está internando muito menos que sua capacidade. A política que vem sendo feita no IER é uma política restritiva em termos de atendimento médico em vistas de problemas internos.

Dentro do IER, o que posso imaginar? Por exemplo, caso fôssemos para lá, haveriam pessoas que se adaptariam e outras que não à nova estrutura universitária que pretendemos construir. A prioridade do hospital essencial é a assistência, enquanto no hospital universitário, apesar da assistência ser muito importante, a qualidade depende da pesquisa e do ensino, então você precisa de uma dedicação maior, pois cumpre com um maior número de atividades. Então a prioridade de um e de outro exigem dedicações distintas. O médico que não produz cientificamente e que não dá aula é relativamente marginalizado em um hospital universitário. Existem pessoas que vão se sentir cobradas e insatisfeitas com essa mudança e, como funcionários do estado, eles podem ir para outros lugares, porque obviamente ninguém vai demitir ninguém.

Nós, com o departamento de Moléstias Infecciosas, certamente iremos para lá em algum momento. Senão não haveria nenhuma lógica institucional de se fazer essa união, se você não amplia o IC, o PS e mantém o pessoal aqui e lá. Nossa lógica de trabalho é procurar os serviços que fazem as mesmas coisas e trabalhar para aperfeiçoar recursos humanos e materiais. Vamos ter de trabalhar muito para alcançar uma qualidade de assistência com responsabilidade social. Mas eu não vejo que não exista vontade para que isso possa ocorrer.

Até porque quando começamos a conversar sobre isso, muitos médicos relacionados à diretoria clínica, à associação dos médicos de lá e residentes do IER vieram nos visitar, dizendo que são absolutamente favoráveis a esse tipo de iniciativa, que eles sentem falta de uma qualidade maior no atendimento e na atualização do hospital. Por isso que não houve grandes movimentos políticos dentro do IER,



pois a maior parte das pessoas que de fato estão lá e estão preocupados com a qualidade do instituto querem que isso aconteça.

**O Bisturi:** Como fica a graduação? Quantas escolas atualmente estão lá? Elas sairão? Em quanto tempo? Quando os alunos irão para lá?

**Boulos:** Não sei. Certamente quando nós formos, os alunos irão. Já hoje, no internato, não é incomum vocês passarem lá, no PS principalmente. Eu mesmo quando fiz residência, passei uma parte lá. Até quando passamos por um processo de reforma, sempre utilizamos muito o IER, porque é um serviço muito grande, tem muitos pacientes, e várias patologias só têm lá.

Várias coisas ainda precisam ser conversadas e acertadas sobre esse assunto. Por isso, direi mais uma vez em termos ideais. Falei com o Secretário de Saúde, em mais de uma oportunidade, e não existe a possibilidade daquele hospital ser apenas da USP; tem que ser só em parte dos alunos da Faculdade de Medicina, e eu não sei se isso é conveniente ou não. Isso porque nós estamos com o maior hospital de infectologia da América, ele deve servir a um número de pessoas maior. O que nós temos que ver é como fazer isso. A proposta original da década de 80 era que não tivéssemos alunos de outras escolas. Em um acerto com o Secretário, foi estipulado um prazo de 5 anos para que as outras escolas pudessem estruturar gradativamente seus cursos em outros lugares e saíssem do IER. Mas uma coisa que tem sido colocada como premissa e que tem sido conversada com as outras escolas é que elas, ficando ou não, terão um incentivo para montarem um serviço de infectologia, que é muito dispendioso, nos seus locais de origem para melhorar seu ensino, oferecer campo para as pessoas que se formam em infectologia e dar respaldo para a sociedade. Pois o que acontece hoje é que, quando ocorre uma grande epidemia, você não tem locais no Estado para internar os pacientes.

Mas respondendo pontualmente a sua questão, o tempo que iremos para lá ainda não está definido. Pode ser em alguns meses, espero que até o ano que vem. E se nós formos para lá, os estudantes também irão.

**O Bisturi:** Levando em consideração que é um estágio curto, não haverá competição por procedimentos, tempo, pacientes ou locais de estudo e trabalho no estágio do internato de Moléstias Infecciosas (M.I.)?

**Boulos:** Atualmente temos quarenta leitos na M.I. do HC e no Emílio Ribas existem duzentos, sendo que a capacidade total é de quatrocentos. O

grande problema do estudante pode não ser a falta de pacientes, e sim o excesso. Isto pode acontecer como em alguns estágios atuais. Às vezes, um interno fica sobrecarregado porque um paciente já dá muito trabalho. Neste novo hospital haverá, efetivamente, muito espaço para a graduação. É a mesma coisa que aconteceu com o InCor (Instituto do Coração) quando ele surgiu. Hoje, certamente, você consegue uma graduação melhor por causa destes institutos especializados. Está claro que será o Instituto de Infectologia da Faculdade de Medicina da USP. Se houver alguma coisa que percebemos que não é compatível, não seremos nós que perderemos espaço.

**O Bisturi:** Mas atualmente existem casos de competição com estagiários. Não na M.I., mas na cardiologia, por exemplo, há.

**Boulos:** Na M.I. eu posso garantir que não há. A cardiologia é diferente. A M.I. sempre teve um papel muito forte na graduação, existem muitos docentes no departamento comprometidos com a graduação. A cardiologia tem uma história distinta da maioria das clínicas, eles não priorizavam docentes, contratavam mais médicos. Era uma questão política, passando por cima da Comissão de Graduação. Atualmente está melhor. Na ortopedia, por exemplo, tivemos um grande problema porque, basicamente, havia uma residência paralela acontecendo quatro anos atrás. Hoje a gente consegue segurar estes problemas. Na M.I. nunca aconteceu, nem nunca vai acontecer.

**O Bisturi:** O que é o projeto CDC (Centers for Disease Control and Prevention)?

**Boulos:** O que vai acontecer é que queremos colocar o IER em um grande projeto virtual, sendo o eixo de um grande Centro de Controle de Epidemias e Doenças, juntamente com o Instituto Adolfo Lutz, o Instituto de Medicina Tropical, os ambulatórios no HC, e outros centros de detecção de doenças, em conjunto também com a Secretaria de Estado da Saúde e seus centros de vigilância, dentro de um núcleo internacional. Tanto a Harvard Medical School quanto a Harvard Public Health já demonstraram interesse e estamos firmando um convênio com elas, e convidaremos também o CDC de Atlanta para isso. Teremos assim um centro de excelência com intercâmbio de pesquisadores e alunos. Teremos sim pessoas de fora no Instituto, mas haverá também a possibilidade de graduandos irem para outros locais, tendo novas oportunidades. Queremos assumir a responsabilidade de sermos os guias na internacionalização dos centros de controle de epidemias na

*"Queremos colocar o IER em um grande projeto virtual internacional, sendo o eixo de um grande Centro de Controle de Epidemias e Doenças. Queremos assumir a responsabilidade de sermos os guias na internacionalização dos centros de controle de epidemias na América Latina."*

América Latina, sendo que foi este o projeto que convenceu o governador. A organização do IER talvez seja mais fácil do que esse projeto, mesmo com a atual situação do hospital - muito fora de sintonia com outras tecnologias, fora de uma situação universitária.

**O Bisturi:** Como será a residência neste contexto?

**Boulos:** Há uma proposta minha. Há vinte vagas de R1 no Emílio Ribas e nós temos sete vagas em Infectologia no HC, e já que ocuparemos o mesmo espaço, a residência ficaria com as vinte vagas no IER, e as sete do HC seriam redistribuídas entre os outros programas. Mas claramente a residência não será separada e assim como está acontecendo no ICESP, a residência no IER será nossa.

**O Bisturi:** Em que nível está esta mudança?

**Boulos:** As propostas já foram enviadas para a Fundação Faculdade de Medicina (FFM) e para o Conselho Diretor do HC porque, veja bem, nós iremos para o Emílio Ribas, e não o contrário. Então, já recebi as respostas, agora estamos organizando. A proposta do Secretário é muito simples, dizendo apenas o que a Faculdade deve fazer em linhas gerais. O Conselho Diretor do Emílio Ribas será da Faculdade, mesmo porque nós somos aqueles que estaremos prestando contas, e será uma administração em metas, assim como no ICESP, com metas de assistência, pesquisa e ensino. Haverá participantes da FFM, da FMUSP e da Secretaria. Não há lógica também que o corpo clínico do IER não participe do

projeto, mesmo porque eles também serão muito beneficiados com este. O diferencial do IER agora será a Faculdade. O HC, por exemplo, é o que é por causa da Faculdade. Fiquem entusiasmados, porque, não há dúvida, será nosso. O Emílio Ribas será a Faculdade, como a FFM, o HC, a Fundação Zerbini, tudo isso é a Faculdade. Lá existem também áreas de ensino, sendo que o quarto ano também poderá ser dado lá. Será um upgrade para o ensino. O hospital tem um grande anfiteatro e salas menores, sendo que, por ser um prédio antigo, as salas são espaçosas, muito boas para as discussões e ensino nas enfermarias. No caso da Pesquisa, existe a idéia do Adolfo Lutz ser comandado por nós. Não será um convênio como no Emílio Ribas, já que o instituto está muito deteriorado e há necessidade de nova direção, novas perspectivas. Nós temos a capacidade e os recursos para nos tornarmos uma referência mundial. Na Tailândia, por exemplo, há uma faculdade só de Medicina Tropical, que é de pós-graduação. A África também tem uma grande oportunidade, mas há falta de recursos e organização. Os trabalhos que saem da África na verdade são ingleses, que vão até lá. Nós não precisamos, temos a Amazônia, recursos de pesquisa, tudo isso. Podemos crescer muito com este projeto.

*Bianca Yuki Kanamura e Geovanne Pedro Mauro são acadêmicos da FMUSP e membros da gestão CAOC 2009*

A novidade do ano em Anatomia  
Visite nossa loja no portão CAOC e aproveite a promoção de lançamento

dathabook  
Seu livro online

Atlas de Anatomia

USP / Metrô Clínicas  
Tel.: 3063 5016

www.dathabook.com.br



## BIOGRAFIA

**Gabriel Romero Liguori (97)**

O médico e sanitarista Oswaldo Cruz nomeia as duas maiores instituições acadêmicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o Centro Acadêmico (CAOC) e a Associação Atlética Acadêmica (AAAOC); é justo, pois, que conheçamos um pouco mais de sua história e lutas, bem como o contexto no qual se desenrolaram.

#### ■ Tempo de formação

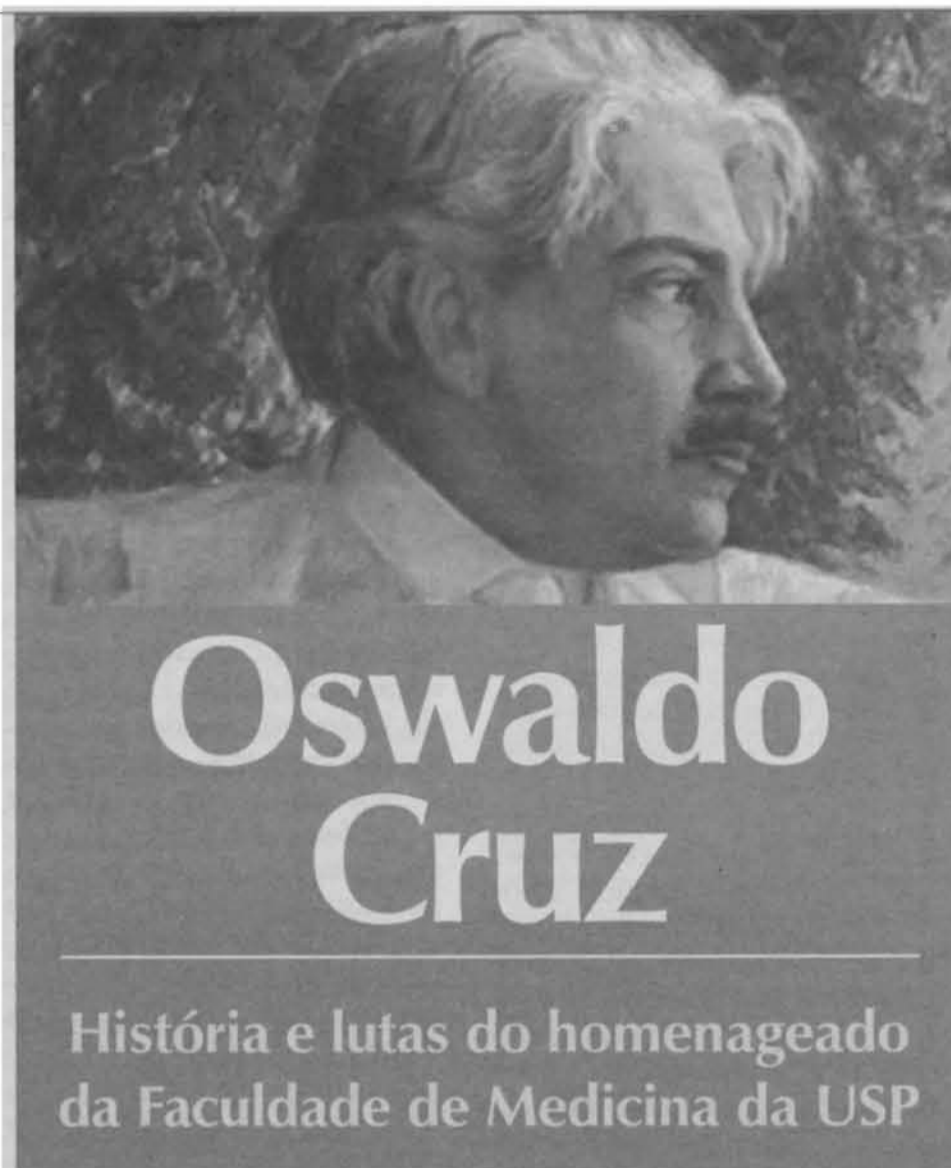
Oswaldo Gonçalves Cruz nasceu em 5 de agosto de 1872, em São Luís do Paraitinga, o que justifica a existência, hoje, de um museu histórico-pedagógico em sua homenagem na pequena cidade. Seus pais viviam anteriormente na então capital do Império, o Rio de Janeiro; buscando uma boa clientela, o médico recém-formado Bento Gonçalves Cruz, pai de nosso patrono, mudou-se para a pequena cidade na Serra do Mar paulista. Após acumular algum dinheiro, a família voltou para o Rio de Janeiro em 1877. Criado então com uma educação tradicional, o pequeno Oswaldo foi alfabetizado por sua mãe, entrando na escola aos cinco anos já sabendo ler e escrever.

Aos catorze anos, Oswaldo ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, graduando-se aos vinte, pouco antes da morte de seu pai. Em sua tese de doutorado, "A veiculação microbiana pelas águas", Oswaldo já demonstrava interesse pela microbiologia, ciência que ganhara importância graças aos estudos de Louis Pasteur.

Dois meses após sua formatura, Oswaldo casou-se com Emília da Fonseca, carinhosamente chamada por ele de Miloca. O casal teve, então, seis filhos, três dos quais eram homens e seguiram os passos do pai, formando-se médicos. A convivência de Oswaldo e Miloca é relatada como uma terna relação de amor e carinho, como mostra um breve trecho de carta mandada por ele à, então, noiva: "Venho de joelhos pedir-te perdão pela irreparável falta de não te ir visitar hoje; acredita, anjo meu, que é por força maior [...]"

#### ■ Encontro com a cidade-luz

Em 1897, Oswaldo muda-se para Paris com a família, visando aperfeiçoar-se em microbiologia no Instituto Pasteur. Na cidade-luz, aproveitou para especializar-se em urologia, área de crescente interesse devido ao aumento das doenças venéreas. Volta ao Bra-



sil em 1899, trazendo o conhecimento necessário para sua futura atuação nas áreas de saúde e saneamento. Em Paris, Oswaldo conheceu as técnicas de vidraria que permitiram a confecção de suas próprias ampolas, provetas e outros instrumentos, além de iniciar a fabricação de tais objetos no Brasil. Além disso, Oswaldo também conheceu em Paris as técnicas de fotografia, o que se tornaria em uma de suas maiores paixões.

#### ■ Uma grande parceria

Ao voltar de Paris, em 1889, Oswaldo Cruz viajou a Santos, a pedido do governo federal, para investigar a elevada mortalidade de ratos no porto; analisando os aspectos clínicos, epidemio e bacteriológicos, Oswaldo Cruz apenas ratificou o que dois pesquisadores do Instituto Bacteriológico de São Paulo já haviam diagnosticado como peste bubônica. Esses dois viriam a ser, no futuro, grandes amigos do médico sanitarista; eram Vital Brazil e Adolfo Lutz.

Com a necessidade de produzir o soro contra a peste no país, uma vez que ele era fabricado apenas no Instituto Pasteur, na França, e em quantidade insuficiente para a demanda brasileira, foi criado o Instituto Soroterápico Federal, localizado no Rio de Janeiro e cuja diretoria foi entregue a Oswaldo Cruz. Assim fora criado

um dos maiores centros de pesquisas do país, a atual Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Em São Paulo, Vital Brazil também começou a produzir o soro antipestoso no Instituto Bacteriológico, que mais tarde viria a ser rebatizado de Instituto Butantã.

#### ■ Saneamento: a palavra de ordem

Quando assumiu a presidência do Brasil, em 1902, Rodrigues Alves mudou-se para o Rio de Janeiro, levando na bagagem um audacioso plano de modernização urbana, que consistia em sanear a cidade, erradicar as doenças, alargar as ruas e avenidas, acabar com os cortiços e, ainda, remodelar o porto. Oswaldo Cruz foi, então, nomeado para a Direção Geral de Saúde Pública.

Em 1903, Oswaldo Cruz acumulava a função de diretor do Instituto Soroterápico Federal e a Direção Geral de Saúde Pública, com uma grande missão: promover campanhas sanitárias para erradicar a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. Começou, então, escrevendo um novo código sanitário, que previa, dentre outras coisas, a vacinação obrigatória contra a varíola; sua aprovação, porém, só aconteceu em 1904, após longas negociações no Congresso. Para a imprensa, o povo e adversários políticos, ele ficou conhecido como o "Código de Torturas".

#### ■ Guerra aos mosquitos

O plano de modernização do Rio levava em conta a teoria dos miasmas, que afirmava serem os "maus ares", provenientes das águas paradas e dos focos de lixo, a causa de doenças como a febre amarela. Assim, bastava dar fim aos cenários de sujeira, construções pouco arejadas e ruas estreitas para erradicar as epidemias.

Oswaldo Cruz, opondo-se à teoria dos miasmas, traçou um plano de trabalho que buscava acabar com os mosquitos transmissores. Ele se baseava na teoria cubana formulada por Carlos Juan Finlay, que combatia a febre amarela em Cuba exterminando o mosquito *Stegomyia fasciata*, (hoje conhecido como *Aedes aegypti*) e isolando os doentes.

Para levar a cabo a empreitada, Oswaldo Cruz precisaria de 1200 homens para compor as brigadas de mata-mosquitos, que deveriam percorrer a cidade desinfetando alagados, ralos e bueiros, limpar calhas e caixas-d'água e remover depósitos de larvas de mosquitos; entretanto, a burocracia e a falta de verbas limitaram a ação a apenas 85 homens. Ainda assim, Oswaldo Cruz pôde mapear a febre amarela na cidade, através das informações que seus mata-mosquitos lhe passavam.

O sanitarista, então, lançou mão de todas as alternativas que dispunha para esclarecer o povo e convencê-lo a prevenir as epidemias, incluindo folhetos educativos que explicavam à população como eram os mosquitos transmissores, os cuidados que cada cidadão deveria tomar para acabar com os criadouros e maneiras de se proteger das picadas e evitar o contágio, bem como os modos que os doentes deveriam ser tratados; esses textos eram conhecidos e publicados com o nome de "Conselhos ao Povo".

Mesmo com toda resistência e dificuldade técnicas, em 1907, Oswaldo Cruz conseguiu erradicar a epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro, vencendo a guerra contra os mosquitos.

#### ■ Caça aos ratos

Organizar uma campanha para erradicar a peste bubônica foi outra missão que coube a Oswaldo Cruz. Esse combate foi mais fácil que a luta contra a febre amarela, uma vez que todos reconheciam como transmissores da doença as pulgas dos ratos. Ainda assim, a imprensa o criticava duramente sua campanha, mas mesmo achincalhado em piadas, caricaturas, crônicas e músicas satíricas, Oswaldo



Cruz conduziu com firmeza seu plano e não desistiu da luta contra os ratos.

A campanha contra a peste ocorreu simultaneamente ao combate da febre amarela, contando com um esquadrão ainda menor, de apenas 50 homens, que saíam à caça de ratazanas espalhavam raticida e removiam o lixo. Visando a adesão do povo ao seu projeto, o médico chegou a criar a figura do comprador de ratos, um funcionário público que passava pelas ruas pagando até 300 réis por rato apanhado; não demorou para que espertinhos comessem a criar ratos e vendê-los à Saúde Pública.

Os índices da doença demoraram a cair, mas em 1909 os casos de infecção já eram muito menores e a mortalidade trinta vezes menor que no início do século.

#### ■ A Revolta da Vacina

Em 1904, enquanto as campanhas contra a febre amarela e a peste bubônica estavam em pleno curso, uma epidemia de varíola assolou o Rio de Janeiro; era necessário que o combate à doença se fizesse ao mesmo tempo, para que o saneamento da cidade se completasse.

Oswaldo Cruz, então, mandou ao Congresso um projeto de lei que reforçava a obrigatoriedade da vacina antivariólica, instituída por uma lei de 1837, mas que nunca fora cumprida. O projeto provocou um debate feroz sobre o assunto e, à medida que tomava conta da imprensa, menor era o número de pessoas que aceitavam voluntariamente a imunização.

Os defensores da vacina obrigatória argumentavam que a vacinação já havia sido implantada, com sucesso, em países como Alemanha, Itália e França. Já os opositores diziam que os métodos de aplicação da vacina eram truculentos e seus aplicadores demonstravam brutalidade no trato das pessoas. A maioria não era contra a vacina, mas contra sua obrigatoriedade, defendendo que cada um optasse por tomá-la ou não. O decreto impunha que as brigadas entrassem nas casas das pessoas e as vacinassem à força, o que levou a uma reação imediata por parte da população.

Em julho de 1904, em meio a essa discussão, uma mulher morreu pouco depois de ter sido vacinada. O médico-legista, adepto da resistência à vacina, relatou infecção generalizada decorrente da imunização como causa mortis. O fato teve ampla repercussão nos jornais e a opinião pública voltou-se contra o governo e sua política sanitária.

No dia seguinte à publicação do plano que regulamentava a aplicação da vacina obrigatória, em 10 de no-

vembro, o povo tomou as ruas; o tumulto tomou o Rio de Janeiro e o governo ordenou a intervenção policial. A reação à chegada da polícia veio na forma de pedradas, carroças e bondes tomados e incendiados, lojas saqueadas e postes de iluminação destruídos. Durante a semana o centro da cidade virou uma praça de guerra em que os manifestantes enfrentavam a polícia armados como que conseguissem, muitas vezes com o próprio material usado na reforma das avenidas: pedras, vigas, ferros e ferramentas.

Em 17 de novembro foi decretado estado de sítio. Rodrigues Alves revogou a lei que tornava a vacina obrigatória e autorizou que os institutos de vacinação imunizassem apenas os que desejassem. Oswaldo Cruz continuou em seu cargo, gozando da confiança do presidente, mas perdeu a batalha contra a varíola, o que foi evidenciado quatro anos depois, em 1908, quando um surto da doença acometeu mais de 9 mil pessoas na cidade.

#### ■ Louros e glórias

O Instituto Soroterápico Federal foi beneficiado pelo fato de seu diretor, Oswaldo Cruz, estar também no comando da Saúde Pública. As pesquisas científicas, concentradas no combate à varíola, à febre amarela e à peste bubônica, foram expandidas e diversificadas. Iniciaram-se pesquisas e produção de imunobiológicos contra a tuberculose, cólera, malária e outras doenças parasitárias. Essas mudanças consolidaram a importância do Instituto na área de saúde social.

Em 1907, a equipe brasileira, chefiada por Oswaldo Cruz, recebeu o primeiro prêmio do XIV Congresso de Higiene e Demografia de Berlim pelos trabalhos do Instituto Soroterápico Federal. De Berlim, Oswaldo Cruz viajou a Paris, Nova York e ao México, onde, respectivamente, conheceu o Instituto Pasteur, levou as notícias da erradicação da febre amarela ao presidente Theodore Roosevelt e assumiu o compromisso de criar uma legislação sanitária para a América Central.

Ao retornar ao Brasil, em 1908, aqueles que antes o ironizavam, aguardavam agora para saudar a chegada do médico sanitário, o mais novo herói nacional. O Rio de Janeiro se transformara na Paris das Américas e tinha, agora, o seu Pasteur.

#### ■ Uma luta perdida

Embora agraciado por seus feitos, muitos dos planos de Oswaldo Cruz não saíram do papel; um deles era o combate à tuberculose, ou peste branca, como a doença era conhecida. O com-

bate ao mal, que ainda não tinha cura, dependia de medidas profiláticas, como o isolamento dos doentes em locais adequados e a educação da população. O objetivo de Oswaldo Cruz era o de dar a todos os doentes aquilo que só os mais ricos podiam ter, como o tratamento em sanatórios, que eram caros e localizavam-se em regiões montanhosas, além de propor uma espécie de aposentadoria pelo tempo que durasse a doença.

Ao contrário da febre amarela, que atingia a todos, a tuberculose vitimava, sobretudo, pessoas pobres, moradoras de locais insalubres e rústicos. Assim, o governo não a classificou como calamidade pública e não liberou verbas para combatê-la. Oswaldo Cruz, desgostoso com a falta de empenho por parte do governo nas questões da tuberculose, abdicou a Diretoria Geral de Saúde Pública, permanecendo apenas à frente de Maguinhos.

#### ■ O senhor do castelo

Durante seus primeiros anos, o Instituto Soroterápico Federal funcionou em precárias instalações, na Fazenda de Manguinhos. Em 1905, Oswaldo Cruz encomendou a construção de um imponente castelo em estilo neomourisco, que seria o centro do conjunto arquitetônico de Manguinhos; o objetivo era dar à ciência brasileira um templo, para que fosse reconhecida e preservada. Quando ficou pronto, em 1918, o Castelo de Manguinhos tinha, além de muito luxo, instalações que igualavam seus laboratórios de pesquisa aos mais modernos do mundo.

Para compor sua equipe, Oswaldo Cruz trouxe Carlos Chagas e Adolfo Lutz, além dos muitos cientistas importantes do Instituto, como Gaspar Viana e José Gomes de Faria, esse último responsável pela descoberta do parasita causador do amarelão, o *Ancylostoma braziliense*.

#### ■ Além do Rio de Janeiro

Entre julho e setembro de 1910, Oswaldo Cruz comandou uma expedição a Porto Velho, onde estava sendo construída a ferrovia Madeira-Mamoré. Devido aos altos índices de mortalidade de trabalhadores por doenças como beribéri, pneumonia e malária, o médico foi chamado para levar medidas profiláticas aos trabalhadores, além de implantar uma dura campanha sanitária; o descumprimento das regras acarretaria descontos salariais.

Chamado pelo governo do Pará para erradicar a febre amarela do porto de Belém, Oswaldo Cruz levou do Rio de Janeiro antigas brigadas de matamosquitos e implantou um plano de com-

bate à epidemia, nos moldes que havia levado a cabo no Rio. A erradicação da doença foi alcançada em seis meses.

Entre 1911 e 1913, Oswaldo Cruz também supervisionou campanhas sanitárias pelo território nacional, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. À medida que os relatos das expedições chegavam à capital, crescia a discussão sobre as condições sociais do interior do país e começava a cair por terra as concepções deterministas que explicavam os problemas do país. Nascia, então, o Movimento Sanitarista, que defendia a idéia de que não haveria desenvolvimento nacional se as moléstias endêmicas não fossem combatidas. Infelizmente Oswaldo Cruz não viveu para ver os resultados de sua política expedicionária de saúde.

#### ■ Últimas ações

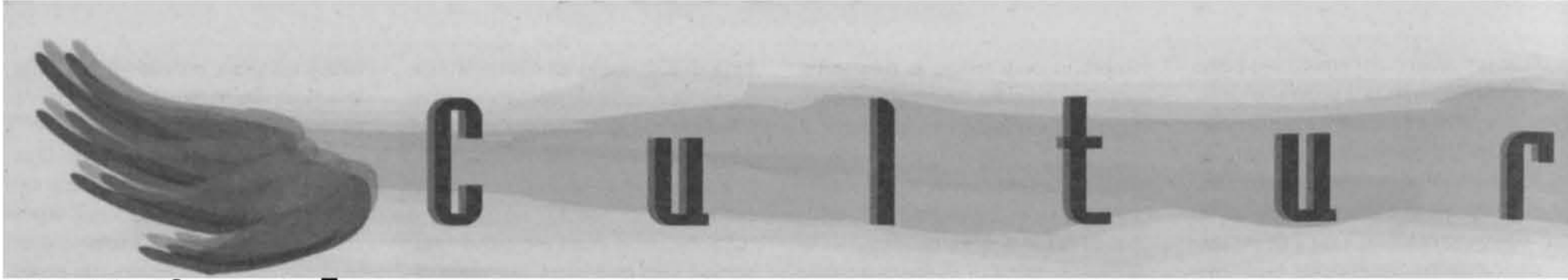
Oswaldo Cruz estava em Paris, em 1907, quando soube que sofria de nefrite, a mesma enfermidade que matara seu pai; ao saber do diagnóstico, sua reação foi, no mínimo, excêntrica: traçou um plano detalhado de como e onde deveria ser seu jazigo, na entrada do Vidigal, na chácara do sogro. Voltou ao Brasil e continuou seu trabalho obstinado na área de saneamento. Começou, porém, a sentir a gravidade de seu quadro: passava seus dias acompanhando as pesquisas no Instituto, mas preferia ficar só, durante horas, em sua sala. Lia com muita dificuldade; a doença que castigava seus rins também atacava a visão e o deixava abatido.

Bento, o filho mais velho, pediu ao governador Nilo Peçanha que nomeasse o pai para a recém-criada prefeitura da cidade de Petrópolis. Oswaldo Cruz não só aceitou o desafio, como se entregou inteiramente ao novo cargo, que ocupou em agosto de 1916. Como era de seu feitio, elaborou um audacioso plano de desenvolvimento social e urbano para a cidade, mas não teve tempo de pôr seus projetos em prática; a doença se agravou e ele só ficou no cargo por seis meses.

#### ■ O legado de Oswaldo Cruz

Aos 44 anos de idade, durante o carnaval de 1917, Oswaldo Cruz morreu, ao lado da família e dos amigos. Sua memória, porém, permanece viva em seu castelo, templo da ciência, na Fiocruz, em nomes de ruas e praças e como referência em saúde, sendo o mais conhecido cientista brasileiro.





# A Virada

## Em sua quinta edição, o evento paulista tem seus altos e baixos

*Luis Felipe Gurgel Ribeiro Labaki*

**E**u fui à Virada Cultural por um motivo muito específico: Ike Willis, guitarrista e vocalista da banda de Frank Zappa, voltaria ao Brasil para tocar com a The Central Scrutinizer Band, cover paulista elogiada pelo próprio "Ol' italian master" (como disse Ike). Organizei toda minha programação para poder chegar o quanto antes no show, marcado para às 17h20 do domingo.

Tentei assistir o Tom Zé no Teatro Municipal, à meia-noite, mas mesmo chegando às 20h30 foi impossível. A fila quilométrica dava voltas e mais voltas, e os seguranças "anti-fura-fila" colocados estrategicamente de cinco em cinco metros não conseguiram impedir vários grupos de "cortarem caminho". O telão colocado do lado de fora do Teatro poderia ser uma alternativa, não fosse o equipamento de som tão precário.

No domingo, pretendia permane-

cer o tempo todo no palco da Praça da República, onde seria o show de Ike Willis. Ao meio-dia, Nação Zumbi iniciou sua apresentação de pouco mais de uma hora, com a melhor equalização de som que já vi em um show a céu aberto. Nem os graves das alfaías encobriam a voz e a guitarra, e na música "Côco Dub", em que foi incorporada uma longa improvisação de guitarra e de percussão, os silêncios necessários eram todos audíveis, sem serem encobertos por chiados ou reverberações.

É incrível uma banda resistir tão criativamente à morte de seu frontman e mentor. O Nação Zumbi pós-Chico Science, morto em 1997, consegue ser tão interessante quanto quando ainda contava com a forte presença de palco de seu idealizador. Jorge Du Peixe não procura reproduzir o estilo de cantar de Chico Science. Na apresentação, as várias músicas da formação original que eles tocaram ganharam uma cara nova. Não que isso seja novidade - essa "nova" sonoridade já tem alguns anos -, mas não deixa de ser interessante vê-los ao vivo.

Apesar de cheio, o show, que deveria ser o mais disputado do dia na Praça da República, não estava lotado, e pude escapar do Nasi, que se apresentaria logo depois, sem ter medo de não conseguir um bom lugar para a TCSB.

Voltei pouco depois do início da apresentação do Marsicano Sitar Hendrix. Marsicano é discípulo de Ravi Shankar e apresentou-se com uma bateria e um baixo. Mas, ao contrário do Nação Zumbi, o som estava péssimo. Poucas pessoas assistiam, então pude ficar na "grade". Já a postos para Ike Willis. A cítara, apesar de microfonação, estava baixa, e o baterista destoava completamente do tipo de sonoridade que Marsicano parecia estar procurando.

Apesar de ser uma proposta interessante, e apesar de a estrutura de vamp mântico ser característica da música indiana, fiquei com a impressão de que Marsicano explorou muito pouco as possibilidades que uma releitura de, por exemplo, "Iron Man" (do Black Sabbath) traria. No fim, todas as improvisações soavam meio parecidas - e todas no mesmo tom.

O show da Central Scrutinizer Band com Ike Willis só não foi melhor do que o que eles fizeram no sábado seguinte, no Aldeia Turiassú. Na Virada, apesar de alguns problemas técnicos, como a falta de retorno para Ike e microfonia insistentes, o show foi uma catarse completa para os fãs de Frank

Zappa. Da abertura, com a instrumental "Filthy Habits" a última música, "Whippin' Post" (um cover, aliás, de uma canção dos Allman Brothers, que Zappa acabou consagrando), a Scrutinizer mostrou porque Ike Willis se sente tão a vontade para tocar com eles. Os arranjos são impecáveis, e a recente entrada, no ano passado, do percussionista Ricardo Bologna (professor do departamento de Música da ECA e membro da OSESP) abriu mais um leque de canções executáveis pelo grupo. Para quem não conhece nada do trabalho de Frank Zappa, sugiro que escutem "Inca Roads" - e, depois imaginem-na tocada com perfeição, incluindo o solo de Zappa, reproduzido pelo virtuose Rainer Pappon.

A Virada Cultural ainda tem seus problemas, sim, principalmente o lixo acumulado e a falta de banheiros decentes. Mas por outro lado, os shows me pareceram muito bem divididos e, o principal, o som de um não atrapalhava o outro. A organização do evento aparentemente quer afastar mais os palcos nas próximas edições. Uma pena. Mas, se a qualidade das apresentações for mantida, problema algum.

*Luis Felipe Gurgel Ribeiro Labaki é acadêmico do curso de Audiovisual da ECA-USP*

## "Se puderes olhar, vê. Se podes ver, repara"

*Gabriel Taricani Kubota (96)*

Milhares de infectados e algumas dezenas de mortos. A gripe suína, mote recorrente nos anais da mídia, parece despertar no âmago do coletivo contemporâneo o delinear de um medo profundo, forjado na constante ameaça do degenerar de uma pandemia. Ponderações sobre a fragilidade da existência humana e seu tênue equilíbrio nos parâmetros da fisiologia à parte, José Saramago em seu brilhante "Ensaio Sobre a Cegueira" traz à luz um relato sombrio sobre uma outra pandemia fictícia.

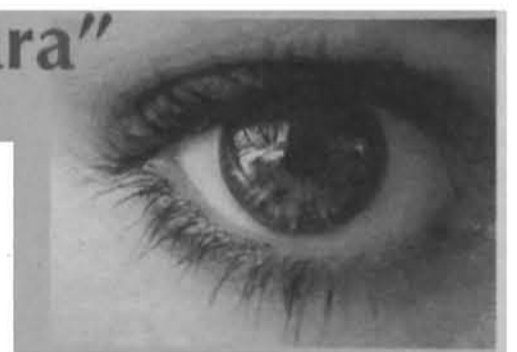
Na onisciência do observador

frio, Saramago conta a história de um grupo de pessoas que vivenciam o evoluir de um surto inexplicável de cegueira. Verdade seja dita, flagelo talvez muito menos letal do que aquele suportado pelas massas de HIV positivo e contaminados pela gripe suína, mas que, mesmo assim, oblitera no seu irreversível expandir os alicerces da sociedade imaginada. Mais do que isso, traz à tona a essência mais profunda da natureza humana.

Num enredo que inflama e desafia a pré-concepção dos valores de civilidade do leitor, a pena implacável do poeta, dramaturgo e escritor português faz jus a seu renome e laureos. Ela não encontra qualquer obstáculo

para pincelar com maestria o mais nobre e o mais cruel lado da alma humana, quando os sentidos e a segurança das leis e normas coletivas lhe desamparam.

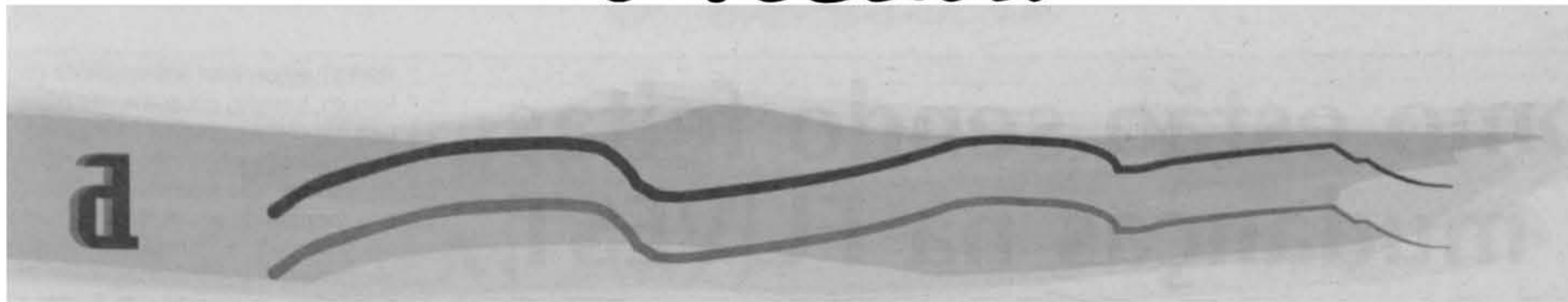
Seguindo os passos do médico que primeiro diagnostica a pandemia, de sua mulher, única imune a seus efeitos, e daqueles que cruzam seus caminhos, o autor faz surgir ainda outras discussões profundas e incitantes. O embate entre as necessidades do coletivo e as liberdades individuais, entre o visceral e o ético, o amor e a traição em tempos caóticos, e mesmo as formas de governo democráticas, autoritárias e anárquicas não escapam à fria análise do Nobel de literatura de 1998.



Nos trágicos fatos descritos, manifestações da mais bela compaixão humana e de sua mais sombria indiferença ao próximo, Saramago convida o leitor a não apenas ver. Muito mais, incita a fazer uso dos nossos olhos para realmente repararmos no coração e complexidade do ego coletivo e do próximo.

*Gabriel Taricani Kubota é acadêmico da FMUSP*





## GRAN TORINO

"What do you know about life and death?"

**Flávio Mitio Takahagi (96)**

Em Gran Torino, Walt, recém-viúvo, ex-combatente em guerra na Coreia, funcionário aposentado da Ford e descendente dos primeiros povos que chegaram à América do Norte, acaba de receber certos vizinhos asiáticos com quem antipatiza logo no início. A circulação de automóveis japoneses em seu país também parece não agradá-lo muito.

O longa se passa numa época de dificuldades para os Hmong, companheiros de guerra dos EUA, que vêm a terra do Tio Sam como um lugar razoável para se abrigar. Para se adap-

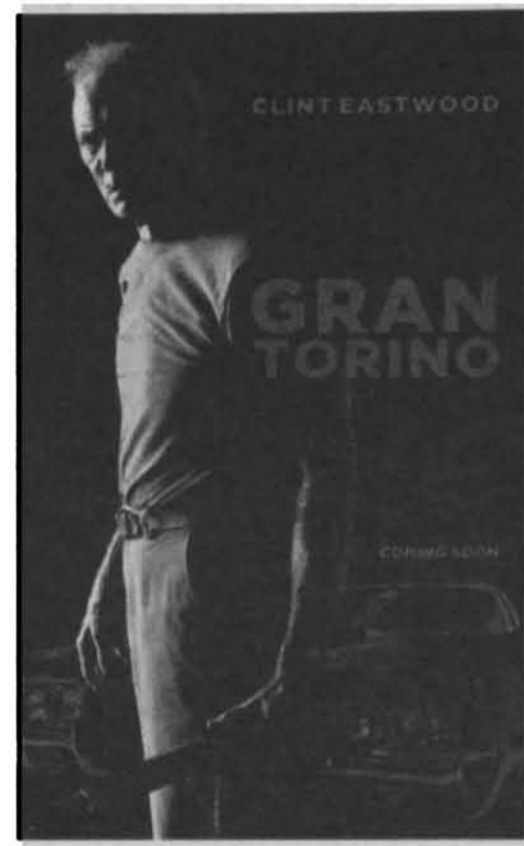
tar em um novo país, as garotas se esforçam para seguir carreira universitária, enquanto que 'o clube do bolinha' acaba formando gangues e passa a entrar no mundo do crime. Thao é uma exceção à regra. Além de ajudar os pais na cozinha, também trabalha no jardim de casa, atividade considerada 'de menina' pelos orientais. Persuadido pelo primo, acaba tendo participação temporária em sua gangue, que culmina na frustrada e desajeitada tentativa de roubo do Gran Torino do vizinho Walt.

Também é de grande importância a jovem Sue, irmã de Thao, simpática e ousada, que será uma ponte importante para que o relacionamento de

Thao e Walt se torne sólida, apesar de grosseira em muitas vezes. Walt se torna uma figura paterna para o jovem, ao ensinar-lhe um ofício e como se portar diante dos outros homens.

Mas talvez seja o Padre Janovich o personagem mais intrigante. Recém-ordenado e com apenas 27 anos, consegue ser paciente e persistente com Walt, que não quer saber do desejo de sua falecida esposa de que ele se confessasse. Walt questiona o conhecimento do jovem sacerdote em relação à vida e à morte.

Talvez não seja a evolução das personagens a coisa mais importante deste filme, mas a forma como elas se interagem, tendo Walt como o núcleo. É se relacionando com seus vizinhos de uma cultura totalmente diferente que ele encontra compreensão por meio de Sue e Thao. Diferentemente do que encontra em seu filho, que quer colocá-lo num asilo, fazendo com que ele repense seus preconceitos e intolerâncias.



**Flávio Mitio Takahagi é acadêmico da FMUSP**

## X-MEN ORIGENS: WOLVERINE

O passado do mais popular dos mutantes

**Mariana Faccini Teixeira (97)**

Criado em 1974, originalmente para uma pequena participação na revista do Hulk, Wolverine é um dos personagens mais bem sucedidos da Marvel e um dos principais responsáveis pelo sucesso das adaptações das histórias em quadrinhos para os cinemas. No quarto filme sobre os X-Men, o mutante é colocado em foco e um pouco mais sobre seu misterioso passado é revelado. Novamente interpretado por Hugh Jackman, que já havia vivido o mutante nos três filmes anteriores e que agora assume também a produção do filme, Wolverine dessa vez é apresentado desde a infância. A traumática experiência a que foi submetido no Projeto Arma X, no qual recebe suas garras de adamantium, a relação

com outros mutantes e a rivalidade com Victor Creed, o Dentes-de-Sabre, são mais exploradas. Além disso, outros personagens ainda não vistos no cinema, como Gambit, Blob e Deadpool são apresentados, ainda que suas aparições sejam rápidas e não recebam muita atenção (talvez porque esses mutantes sequer sejam mencionados nos outros três filmes, cuja ação se passa em uma época posterior a Origens). Há ainda a presença de personagens conhecidos, como Professor Xavier e Ciclope. Os conflitos de Wolverine com outros mutantes e com agentes do governo canadense garantem bons momentos de ação, interessantes pela recriação de épocas e locais distintos e pelos inúmeros efeitos especiais. A trama, no entanto, não segue exatamente as HQs em alguns detalhes, em especial no comportamento do mutante.

Wolverine, que nos quadrinhos é, primeiramente, um anti-herói, agressivo e indisciplinado, no cinema dá lugar a um personagem um pouco menos politicamente incorreto. Tais alterações, porém, não afastaram os fãs. Ainda que tenha vazado na internet quase 2 meses antes de sua estreia oficial, "X-Men Origens: Wolverine" se mantém entre os filmes mais vistos no cinema, comprovando a popularidade do mutante. Para os fãs de X-Men, uma chance imperdível de conferir mais uma boa adaptação para os cinemas. Para os que simplesmente procuram um bom entretenimento, com humor e



ação, a diversão é garantida.

**Mariana Faccini Teixeira é acadêmica da FMUSP**



# Como estão sendo feitas as mudanças na FUVEST

## Ainda há discórdia sobre qual será a terceira disciplina pedida na segunda fase

Geovanne Pedro Mauro (95)

Na segunda-feira, dia 11 de maio, foi levado a uma reunião ordinária da Comissão de Graduação (CG) de nossa faculdade o seguinte assunto: o que devemos cobrar na segunda fase da prova de seleção do vestibular da FUVEST?

Antes de discutir cada um destes temas, vamos ao que muda no vestibular para este ano: primeiramente, a nota da primeira fase não será computada para o resultado final, será simplesmente eliminatória. Nos últimos tempos, não é uma atitude inesperada. A Pró-reitoria de graduação da USP está cada vez mais optando por saídas a curto prazo para a inclusão do aluno de ensino público na faculdade e, segundo as autoridades desta pró-reitoria, este é um caminho para eliminar vantagens daqueles que estudam nos cursinhos. Eliminar todo o resultado de uma prova bem feita simplesmente é estranho, mas pode-se entender a lógica.

A segunda mudança é quanto ao formato da segunda fase. Serão três dias. O primeiro será a clássica prova de segunda fase de português. O segundo será como a primeira fase da UNICAMP, com todas as disciplinas sendo cobradas. Pode-se concluir que se as perguntas forem difíceis, os candidatos serão selecionados pela exaustão e não pelo conteúdo e habilidades. Este dia será realmente uma surpresa. O terceiro dia, e é sobre este que esta matéria traz a discussão, terá perguntas sobre conteúdos de duas a três disciplinas do ensino médio.

É sobre o que será cobrado no terceiro dia que a reunião quis debater. O Prof. Dr. Milton de Arruda Martins, presidente da CG, trouxe a informação que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto já tinha feito sua escolha pela Geografia como terceira matéria, somada a Química e Biologia. Os motivos que levaram a FMRP a decidir por estas três matérias não foram trazidos, mas podem-se fazer inferências. Precisava-se decidir qual seria a nossa escolha.

Quando se está no Ensino Médio ou no cursinho, e a FUVEST é trazida até nós como uma entidade quase

inviolável, forte e lógica; espera-se que este tipo de assunto seja debatido por pessoas estudadas e entendidas do assunto, com base para dizer o porquê da Física ou da Matemática ou de qualquer outra matéria na segunda fase. Entretanto, o que aconteceu foi uma sucessão de comentários despreparados, a grande maioria sem nenhum conhecimento prévio de pedagogia ou do conteúdo cobrado pela FUVEST, defendendo a Matemática, Física ou Geografia na segunda fase para o curso de Medicina. Citemos um: Matemática deveria ser cobrada porque estatística é necessária. Levantem a mão quem teve estatística na matemática do colégio.

Para evitar que os alunos desta faculdade sejam tão ignorantes quanto o autor desta honrosa colocação, façamos um pequeno início de debate sobre este tema em O Bisturi. Sintam-se a vontade para procurar qualquer membro da CG, seja ele docente ou um RD, para expressar seus sentimentos, opiniões e angústias sobre o tema, pois tenham certeza, vocês sabem muito mais que qualquer docente sobre a FUVEST. Vocês passaram por ela.

Existia um consenso sobre Química e Biologia na segunda fase. Se o consenso era baseado no conteúdo e habilidades necessárias para se cumprir uma prova específica de tais disciplinas, não se sabe. Sabe-se apenas que era consenso. Outro consenso era que deveria haver três matérias, para cobrarmos o máximo dos vestibulandos, para termos bases mais fortes para a seleção daqueles que formariam a elite dos ingressos na Universidade de São Paulo. Necessária era apenas a decisão da terceira matéria.

Baseando-me em alguns conhecimentos pedagógicos, pondero sobre estas três opções: matemática, geografia ou física. Já adianto que sou um forte defensor da física, portanto não se exasperem pela tendência do artigo. Ficaria muito feliz se outros alunos que defendam matemática ou geografia escrevessem para este jornal e dissertassem sobre suas opiniões.

Tomemos a matemática em primeira análise. Quais são os conteúdos e as habilidades necessárias para se fazer uma prova de matemática e que a FUVEST nos garante que o aluno tenha? Mais importante ainda, quais destas habilidades e conteúdos são inte-

ressantes para um aluno de Medicina? O conteúdo atual de Matemática engloba, em termos bem gerais, equações e funções, funções exponenciais e logarítmicas, seqüências e progressões, geometria plana, geometria espacial, trigonometria, análise combinatória e probabilidades, matrizes, determinantes e sistemas lineares, números complexos, polinômios e geometria analítica. Levando em consideração o conteúdo, quais destes são necessários para se aprender outros conteúdos da graduação em medicina? Somente estatísticas e métodos quantitativos precisam de conteúdos anteriores de matemática mais avançada. E não são todos. Somente são necessárias as equações, que é um conteúdo do ensino fundamental primordialmente, e a análise combinatória e probabilidades que, historicamente, a FUVEST cobra também em testes. Então devemos cobrar matemática, se somente utilizaremos menos de um décimo de todo o conteúdo? Mas não devemos basear nossa análise somente em conteúdo. E quanto às habilidades que o aprendizado em matemática garante? Lógica dedutiva, análise gráfica, análise espacial, dedicação, perspicácia, comprometimento com a prática, rotina de exercícios e revisão. Tudo isto é garantido pela matemática e mais. Entretanto, também são garantidos por outras disciplinas. Então, por que escolher a matemática como terceira matéria essencial para o aluno de medicina?

Em segundo lugar, a geografia. Seus defensores acreditam que atualmente, a epidemiologia e conhecimentos afins utilizam muito mais conteúdos básicos ensinados em geografia do que em matemática. A análise epidemiológica se assemelha muito mais àquela feita nas salas desta disciplina de humanidade do que nos exercícios matemáticos. Além disto, a geografia traz uma vantagem: quem normalmente a conhece bem o suficiente para fazer uma prova difícil como a FUVEST, possui características de personalidade e de interesse mais próximos do perfil do médico humano. Entretanto, façamos a mesma análise que foi feita na matemática. O conteúdo se estende por três grandes grupos: geografia básica, que compreende geografia física, ninguém que fez a

FUVEST esquece-se dos mapas de relevo do Jurandir, geografia das populações e etnias e geopolítica e geografia econômica em princípios; geografia mundial, que repete estes temas, mas focalizando-se nas diversas regiões do mundo e principalmente nas geografias populacionais, econômicas e políticas, e geografia do Brasil, a mesma coisa, só que no nosso país. Quem defende que os conhecimentos epidemiológicos estão mais próximos dos conteúdos populacionais, econômicos e políticos do que da matemática do colegial está certo, o conteúdo é mais próximo. Quem defende a diversidade também tem razão, já que a geografia é bem diferente da química e da biologia, mas estamos esquecendo uma coisa: por que este tipo de análise somente leva em consideração habilidades e conteúdos empregados na epidemiologia e medicina preventiva? O restante não precisa de nada do ensino médio?

Para respondermos estas perguntas, analisemos a física. Seu principal conteúdo, a mecânica, principalmente a dinâmica, são aplicações práticas da lógica dedutiva da matemática e de seu conteúdo de equações. Quem defendia matemática por isso, considere-se contemplado pela física. Fora isso, a física, principalmente a óptica e a física de vetores, treinam no aluno a habilidade de análise espacial, tão importante para o desenvolvimento de habilidades manuais e de pensamento em três dimensões, essenciais para a anatomia e para a técnica cirúrgica. A hidráulica e a hidrodinâmica são aplicações em tubos inanimados do mesmo raciocínio que a cardiologia e a fisiologia utilizam para entender as doenças vasculares. Ainda mais, as aplicações da física moderna são úteis para se entender as bases da radiologia. Analisando as habilidades garantidas pela física, há a contemplação de tudo aquilo garantido pela matemática, além de raciocínios e conteúdos específicos que facilitam a compreensão de conteúdos da graduação em medicina.

Outras habilidades, como a comunicação, a lógica indutiva e a análise semântica, nos são garantidos pela necessidade de uma prova de lingüística, o português, então por que ser redundante com a geografia? Os conteúdos da matemática são virtualmente inúteis para o aprendizado da medicina. Então, por que considerá-las?

Convido a todos a refletir sobre estas questões, sobre o porquê de cobrarmos o que cobramos dos alunos na FUVEST. Não baseiem suas opiniões em preferências pessoais e falta de conhecimento prévio. Uma decisão impensada como esta afetará a vida de milhares de vestibulandos nos próximos anos. Cobrem de seus RDs e docentes uma postura mais responsável.

Geovanne Pedro Mauro é acadêmico da FMUSP e membro da gestão CAOC 2009



EXTENSÃO

# AS EXTENSÕES NO COBEM 2009

Luciana Miyahira(95)

O Congresso Brasileiro de Educação Médica - COBEM - promovido pela Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM) terá esse ano um formato bastante dinâmico, no qual as trocas de experiências, as discussões e a construção coletiva serão privilegiadas. Acontecerá em Curitiba, no período de 17 a 20 de outubro deste ano.

O tema central escolhido é "O SUS COMO ESCOLA", tendo como sub-temas: a pesquisa em educação médica, a avaliação e qualidade do ensino médico e a humanização na assistência e no ensino. Assim, as discussões permearão o papel do estudante dentro da extensão universitária, a importância da iniciação científica na graduação, métodos de ensino mediados por tecnologia, entre outros.

A participação no COBEM 2008 acrescentou muito no que tange a educação médica e à proposta de reforma curricular da Faculdade de Medicina da USP, permitiu um intercâmbio de informações entre os alunos das diversas faculdades participantes, e nos permitiu observar que muitas outras faculdades no Brasil se interessam pela melhoria da educação médica no país.

Boas discussões surgiram a partir das diversas atividades em Salvador ano passado, e esse ano o CAOC quer ainda mais desse grande congresso universitário; queremos não apenas assistir suas apresentações, suas propostas, mas mostrar algumas coisas que fazemos em nossa faculdade, mostrar que aqui também temos projetos que procuram abranger as diversas necessidades dos universitários.

Os temas abordados em conferências, fóruns, simpósios e oficinas serão:

- Avaliação da aprendizagem do estudante de medicina
- Avaliação da Escola Médica
- Avaliação e Incorporação de Tecnologias Assistenciais
- Desenvolvimento docente
- Elaboração de currículos de Cursos de Medicina
- Ensino Básico e Integração Básico-Clinica
- Ensino do uso racional de medicamentos
- Ensino na Atenção Básica
- Extensão Universitária
- Gestão da Escola Médica

- Hospitais de Ensino e redes de assistência para o ensino
- Humanização e Ética
- Implantação das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Medicina
- Iniciação Científica
- Inserção do produto da pesquisa em educação médica no Brasil no cenário internacional
- Internato
- Medicina e arte
- Multidisciplinaridade e Transdisciplinaridade no Ensino Médio
- Necessidades de médicos no Brasil
- Participação da comunidade nas Escolas Médicas
- Pesquisa em Educação Médica
- Políticas de Inclusão Social nas Escolas Médicas
- Pós-Graduação em Educação Médica
- Programas do Ministério da Saúde de apoio aos Cursos de Graduação
- Qualidade de Vida dos estudantes, residentes e docentes
- Reforma Universitária
- Relação ensino-serviços: integração, convênios e gestão
- Residência Médica
- Seleção de candidatos para os Cursos de Medicina
- Seleção para a Residência Médica
- Suporte ao estudante de medicina e ao médico residente
- Uso de tecnologia na educação médica

Todos os pontos são de interesse do CAOC, mas existe um em especial que pretendemos apresentar ineditamente no congresso: os projetos de Extensão Universitária existentes na Faculdade de Medicina da USP. Mas o que é a "Extensão Universitária"?

Legalmente, a Extensão faz parte de uma tríade indissolúvel que compõem a Universidade, juntamente com o Ensino e a Pesquisa. Ou seja, a Universidade tem por dever, perante a sociedade que a mantém, produzir Pesquisas que afinem ainda mais os conhecimentos já existentes e ainda produza novos conhecimentos. No âmbito da Medicina, o impacto de uma nova droga terapêutica mais barata ou os mecanismos fisiopatológicos das imunodeficiências, por exemplo.

Com a produção de tanto conhecimento, é preciso transmiti-los para alguém - os estudantes. Na função de Ensino da universidade, pode haver a interpretação de que é um direito res- trito à classe que está na Universida-

47º COBEM  
Congresso Brasileiro de Educação Médica

O SUS  
como escola.

- Palestras e Conferências
- Cursos e Oficinas
- Trabalhos Científicos
- Atividades Culturais

Data: 17 a 20 de outubro de 2009  
Local: Expo Curitiba - Curitiba - Paraná - Brasil

Envio de resumos e inscrições abertas no site  
[www.cobem2009.com.br](http://www.cobem2009.com.br)

CURITIBA:  
Galha azul, pinhão, cultura, parques,  
planejamento urbano e qualidade de vida.  
Venha ver de perto esta cidade no  
47º COBEM!

Um evento como o Pinheiro Araucária; gera  
bons frutos e faz parte da nossa história.

Informações:  
[contato@cobem2009.com.br](mailto:contato@cobem2009.com.br)  
(41) 3317-3080

de (interpretação não completamente pertinente, pois o que aprendemos na faculdade é o que usamos para atuar na comunidade).

Porém, a idéia existe e na tentativa de não permitir que a sociedade seja alienada dos conhecimentos que ela mesma promove criou-se a Extensão, uma via de mão-dupla na comunicação entre a sociedade, com suas peculiaridades, necessidades e expectativas, e a Universidade, levando os conhecimentos produzidos ou projetos assistenciais até a comunidade. A comunidade apresenta sua cultura e a Universidade absorve isso de maneira positiva, tentando cada vez mais se adequar ao ambiente.

Nesse contexto, a Extensão Médica Acadêmica (EMA), a Bandeira Científica, o MedEnsina e o Projeto Assunção se caracterizam no perfil de Extensões Universitárias, pois prestam, dentro dos limites físicos e de pessoal possíveis,

ações assistenciais à comunidade.

São esses projetos que o CAOC deseja fomentar para a apresentação no 47º COBEM. Projetos bem estabelecidos, que possuem um alto interesse dos alunos, com bons resultados já obtidos em alguns anos de funcionamento. Acreditamos que podemos demonstrar a forma que esses projetos interpretam as necessidades da comunidade, divulgar nossos projetos e trocar experiências com outras faculdades.

As inscrições dos resumos dos projetos estão abertas no site do COBEM 2009 [www.cobem2009.com.br](http://www.cobem2009.com.br) - seguindo até o dia 29 de junho, no formato de trabalhos científicos originais e de relatos de experiências, com mais detalhes no site referido.

Luciana Miyahira é acadêmica da FMUSP e membro da gestão CAOC 2009



# O que está acontecendo com a USP?

## Entenda os últimos acontecimentos da USP e como eles podem mudar a universidade

João Cronemberger Sá Ribeiro (95)

O último ano de mandato da Magnífica Reitora Suely Vilela Sampaio teve um início bastante conturbado. A Universidade está passando por transformações profundas que afetam diretamente alunos, professores, funcionários, vestibulandos e que certamente trarão conseqüências importantes para o país. A Fuvest vai mudar, a USP vai adotar o ensino à distância, os funcionários estão em greve, o DCE está lutando para recuperar sua antiga sede, as verbas destinadas à educação poderão ser reduzidas devido a crise e é importante que, como acadêmicos da FMUSP, saibamos o que está acontecendo.

Mais sobre as mudanças do vestibular na matéria "Como estão sendo feitas as mudanças na FUVEST", na página 10.

### UNIVESP - O ensino à distância chegou a USP

Não é necessário dizer que as redes públicas de ensino público infantil, fundamental e médio estão sucateadas. No ensino infantil, 36% dos professores não possuem ensino superior completo e no ensino fundamental, são 27%. Diante desse cenário é coerente pensar que uma das medidas necessárias para a melhoria dos índices de educação do nosso país é investir na formação

de professores. Assim nasceu o UNIVESP.

Com o intuito de capacitar os professores do ensino infantil e fundamental o governo do estado de São Paulo criou um programa, dividido em três fases de implantação que baseado no modelo de ensino à distância pretende abrir em 2009, 6.600 novas vagas nas áreas de pedagogia, biologia e ciências. As aulas serão dadas pela televisão, através de uma parceria com a Fundação Padre Anchieta (TV Cultura), com uma programação que se repetirá

a cada 8 horas. Além disso, existirão canais de ajuda ao aluno pelo telefone e Internet e aulas presenciais de laboratório e práticas.

O Programa UNIVESP não funda uma nova instituição de ensino, mas se vale da estrutura das três universidades estaduais paulistas para criar um ambiente virtual de aprendizagem que, segundo a secretaria da educação está "alicerçado nos pilares do acesso, equidade e qualidade".

O UNIVESP é uma solução que com um pequeno investimento (estima-se que cada aluno custe R\$3.600,00 pelo curso todo) permitirá a inclusão de milhares de pessoas no ensino superior e, no médio prazo, disponibilizará milhares de professores diplomados para a rede pública. Os números impressionam, mas não garantem a qualidade do professor formado no modelo de ensino à distância.

Em 2008 o MEC fechou cerca de 15 mil vagas em cursos de ensino à distância, provando que o modelo ainda requer mais estudos pedagógicos

**Em 2008 o MEC fechou cerca de 15 mil vagas em cursos de ensino à distância, provando que o modelo ainda requer mais estudos pedagógicos para sua ampla implantação.**

para sua ampla implantação. Abrir a possibilidade de tantos profissionais se formarem logo na primeira fase de implantação do programa é uma medida estratégica contestável. Pode-se pensar ainda no impac-

to que esses seis mil novos profissionais causarão no mercado quando se formarem. Essa nova oferta de mão de obra pode contribuir para a redução de salários e um sucateamento ainda maior da educação.

Por fim, é necessário analisar quão bem esses profissionais formados à distância poderão ensinar. Qual será a experiência pedagógica desse futuro professor e, ainda mais importante, como será o aluno que esse professor formará?



As transformações pelas quais a Universidade vem passando são grandiosas. Devemos nos perguntar se estas serão favoráveis aos alunos ou não.

Professores despreparados são um dos maiores problemas da educação no país, mas os profissionais formados no modelo de ensino à distância podem ser tão ou mais nocivos à escola do que os professores que hoje não possuem nível superior. É temível que o diploma do UNIVESP torne-se um placebo para os problemas da educação.

### Greve dos Funcionários

Há pelo menos 4 anos os alunos da USP sabem o que esperar dos anos ímpares: semanas sem bandeirão, circular e algumas das aulas na Cidade Universitária.

2009 não decepcionou e os funcionários do campus Butantã entraram em greve. O mote para a greve desta vez foi a demissão do funcionário Claudionor Brandão em 8 de dezembro de 2008. Desde então, vários foram os protestos e tentativas de negociação até que na Assembléia Geral de 23 de abril os funcionários decidiram pela greve, que teve início no dia 5 de maio. Além da recontração do "companheiro" Brandão, os funcionários da USP reivindicam aumento salarial de duzentos reais mais 17% e apóiam as causas do DCE na ocupação.

Os dirigentes do Sintusp comparam as "investidas da reitora Suely Vilela" ao AI-5, pois alegam existir uma grande perseguição aos líderes sindicais e estudantis desde a invasão da reitoria em 2007. Segundo a Carta aos estudantes, publicada no site da instituição "esses ataques têm por finalidade calar a voz dos ativistas do sindicato e das entidades estudantis para poder aplicar mais facilmente os planos de educação cada vez mais atrelados aos lucros das grandes empresas e dos interesses dos governos". Contra esses ataques, o Sintusp pediu o apoio dos Estudantes.

No último Conselho de Centros Acadêmicos da USP, realizado no dia 16 de maio, a paralisação dos estudantes como apoio a greve dos funcionários foi colocada em discussão. O Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (Medicina), o Grêmio Politécnico (Escola Politécnica), o Centro Acadêmico Visconde de Cairu (FEA) e o Centro Acadêmico XI de Agosto (São Francisco) votaram contra a paralisação e não ofereceram apoio, pois entendemos que os alunos de nossas unidades são prejudicados pela greve.

Além disso, por sermos uma entidade acadêmica suprapartidária, não nos posicionaremos a favor de uma greve na qual os interesses de partidos políti-



cos têm papel preponderante. Não somos contra os funcionários e acreditamos que através do trabalho, diálogo e negociação construiremos uma universidade melhor para todos e cumprimos nosso dever social enquanto alunos do sistema público.

#### O DCE invadiu o DCE

Pode parecer estranho, mas no dia 26 de abril um grupo de estudantes liderados pela gestão do Diretório Central dos Estudantes da USP Alexandre Vanucchi "Nada será como antes" ocuparam a antiga sede do DCE, que desde 2006 estava sendo reformada pela reitoria.

Até 2006, o edifício localizado entre o bandeirão central e a reitoria era a sede do DCE e Centro de Vivência dos estudantes da USP. Naquele ano o espaço encontrava-se tão deteriorado que uma comissão foi montada para planejar e executar a revitalização do centro de vivência da reitoria da USP.

A deliberação de ocupar a sede antes de sua entrega formal saiu da assembleia geral dos estudantes de 23 de abril. Cerca de 400 estudantes (menos de 1% dos alunos da USP) deliberaram pela ocupação como forma de rebater o "ataque à liberdade de organização do movimento estudantil" que na visão da gestão "Nada será como antes", é parte de uma política repressiva da burocracia acadêmica que se dá por meio da retirada de espaços estudantis, demissão de líderes sindicais, abertura de inquéritos e sindicâncias internas. Estratégicas políticas à parte, não parece inteligente criar conflito com os estudantes em ano de eleição para Reitor, mas na opinião do DCE, a repressão é institucional e vem no intuito de desarticular as entidades acadêmicas em um contexto de sucateamento do ensino público superior.

Em 2006, quando a reitoria tomou a iniciativa de reformar o espaço de vivência dos alunos, reconheceu publicamente a importância das atividades estudantis dentro da universidade, mas afirmou a necessidade de se regulamentar o uso de espaço público para que esse não sirva aos interesses particulares ou partidários. A diretoria do DCE concordou em compartilhar o espaço com a Farmácia da universidade, editora da USP, associação dos pós-graduandos e licitar os espaços restantes para estabelecimentos

comerciais que servissem aos interesses dos alunos. A atual gestão do DCE voltou atrás e recusou os termos firmados anteriormente, exigindo da reitoria a plena autonomia do espaço para que o DCE, como órgão representativo dos Estudantes da USP possa deliberar sobre a finalidade do centro de vivência.

Não podemos negar que os alunos possuem papel fundamental na construção da universidade, desde o currículo até as políticas de inclusão social e planejamento estratégico. Também é inegável que para exercer sua representatividade de forma plena, o DCE precise de sede e um espaço capaz de gerar renda, mas quando a entidade toma decisões baseadas na opinião de menos de 1% dos estudantes, quem está sendo representado?

Desde as eleições a representatividade da gestão "Nada será como antes" vem sendo questionada.

A decisão de ocupar a antiga sede do DCE antes que esta fosse devolvida foi arbitrária, precipitada. Os alunos estão divididos e, em enquete feita pelo próprio site do DCE, os alunos contra a ocupação são maioria.

O DCE quer ser ouvido, quer ter seu espaço de volta, quer sua autonomia financeira e espaço próprio dentro da Universidade e por isso organizou esta ocupação. Infelizmente, a gestão não ponderou as repercussões que essa atitude poderia ter. Diante da ocupação os estudantes estão divididos e discussões importantíssimas como a do UNIVESP, por exemplo, não estão sendo tratadas com a devida urgência.

Mais uma vez, como em 2007, o recurso da ocupação está sendo utilizado. Temo que os resultados obtidos nesses episódios sejam os mesmos: divisão dos alunos, a cobertura da imprensa e a perda do prestígio dos estudantes da USP diante da sociedade.

#### O que a crise econômica tem a ver com cortes de verbas na Universidade?

Enquanto o Presidente Lula compara à crise mundial a uma "marolinha", os efeitos da recessão econômica já podem ser sentidos até mesmo dentro da Universidade pública.

O artigo 207 da Constituição Federal de 1988 garante autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial às uni-

versidades. No Estado de São Paulo, o Governo do Estado atribui orçamento global às três universidades públicas (USP, UNI-CAMP e UNESP), visando assegurar o efetivo exercício dessa autonomia, com base em percentual do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) fixado anualmente na Lei de Diretrizes Orçamentárias, que é repassado em duodécimos mensais às instituições. A distribuição desse percentual entre as três universidades -- atualmente fixado em 9,57% -- é decidida pelo Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (CRUESP), assim como a política salarial (Decreto nº 29.582/89). A disposição sobre a utilização do orçamento é feita individual e autonomamente pelas universidades, em razão do disposto no art. 207 da Constituição Federal e do art. 254 da Constituição do Estado de São Paulo.

Em momentos de recessão econômica, menor disponibilidade de crédito, queda da produção e menor circulação de mercadorias a arrecadação de ICMS é menor, ou seja, quando a economia vai mal, a educação sente e fica impossível negar os efeitos da recessão econômica mundial no cotidiano dos alunos da universidade pública.

O DCE defende que os alunos devam lutar pelo aumento do repasse de verbas para a universidade. De fato, muitas áreas vêm sendo negligenciadas na universidade e merecem maior investimento, mas também é verdade que a síndrome da administração pública existe na USP e muito do que lá é investido é desperdiçado ou

*De fato, muitas áreas vêm sendo negligenciadas na universidade e merecem maior investimento, mas também é verdade que a síndrome da administração pública existe na USP e muito do que lá é investido é desperdiçado ou gerenciado de forma não estratégica.*

gerenciado de forma não estratégica.

Os tempos de crise são ideias para repensar como o dinheiro público é distribuído dentro da USP. Sanear gastos desnecessários e rever prioridades podem ajudar a compensar a redução da carga de ICMS sem prejudicar os demais setores públicos que também estão sofrendo com a crise instalada.

#### Um momento político delicado

No último ano de mandato de Suely Vilela e penúltimo de Serra e Lula, o interesse político em torno da USP é muito grande. Grandes projetos para mostrar serviço, apresentar resultados e abrir espaço para campanha disputam espaço com o velho discurso da oposição (disfarçado de uma complexa teoria da conspiração).

É o momento de todos os grupos que têm interesse na universidade (ou que precisam da universidade para servir aos seus interesses) fazerem propaganda e buscarem apoio para o próximo ciclo que se iniciará em breve. O momento é interessante e permite o entendimento da política nacional em sua base. Por hora podemos acompanhar os próximos passos da reitoria, DCE e Sintusp, sabendo que em 2011 tem mais!

*João Cronemberger Sá Ribeiro é acadêmico da FMUSP e presidente da gestão CAOC 2009*

# SCIENTIFIC POST

Tese - formatação e impressão

Curriculo - memorial e lattes

Encadernação - capa dura e brochura

Poster - montagem e impressão

☐ Rua Capote Valente, 386 / Tel.: 3063.2091 / Fax: 3064.0720  
 ☐ Hospital das Clínicas 9º and. - sl. 9114 / Tel.: 3069.6449  
 www.scientificpost.com.br / e-mail: posto@uol.com.br



# Para que serve a Representação Discente?

Conheça a atuação dos estudantes nos rumos da universidade por meio dessa importantíssima ferramenta de participação nas decisões universitárias, que foi conquistada e existe para levar a opinião dos mesmos sobre os mais variados temas de interesse do corpo discente.

**Arthur Hirschfeld Danila (94)**

Ao ingressar na universidade, muitas são as expectativas do estudante. Acredita que encontrará mentes detentoras de amplo conhecimento totalmente dispostas a compartilhá-lo com seus discípulos. Entretanto, a vida acadêmica nos mostra que nem tudo ocorre de tão bela maneira, e muitos são os obstáculos a serem enfrentados na busca por melhores condições de aprendizado. Muitas vezes, o aluno, por si só, encontra-se impossibilitado de estabelecer um diálogo franco com os docentes. Estabelecida essa conjuntura, cabe aos representantes discentes, devido a sua responsabilidade - inserida em seu caráter democrático de eleição - estabelecer pontes para viabilizar as almeçadas conquistas necessárias para o melhor desenvolvimento pessoal e intelectual dos estudantes.

## Histórico

A representação discente é talvez uma das conquistas estudantis mais duradouras que se tem notícia. Na nossa faculdade, data dos anos 1950, quando se criou a Congregação de Alunos da FMUSP, composta de representantes de cada turma, para discutir assuntos diretamente relacionados ao curso médico e como intervir ativamente nos problemas de então. Com a projeção e bom funcionamento gerados por esta estrutura, escalou-se a representatividade discente junto ao corpo docente com a admissão do estudante e representante da Congregação de Alunos, Wilhelm Kenzler, no Conselho Universitário da USP, por intermédio do então Reitor da USP, Prof. Dr. Alípio Correia Netto.

Essa proposta causou repercussão em nível nacional, quando João Café Filho, Presidente da República, em 1955, sancionou a lei que regulamentava a representação discente junto ao corpo docente das instituições de ensino superior. Na Universidade de São Paulo, consolidou-se a adoção desta lei como oficialização da representação discente em todos os Conselhos, Comissões e na Congregação, por meio da

Reforma Estatutária da Universidade de São Paulo de 1968.

A participação acadêmica nas mudanças curriculares é notável. Para se ter uma breve noção da importância que os alunos da FMUSP tiveram nessas mudanças, basta voltar à mesma década de 1950, quando os estudantes propõem, pela primeira vez no Brasil, a criação do internato nos últimos anos da faculdade, cuja utilidade já se mostrava em faculdades norte-americanas, em substituição ao curso prévio, que era essencialmente teórico.

## O que é a representação discente?

Para se entender um pouco melhor o ambiente de atuação do representante discente (RD), faz-se necessária breve situação das estruturas de poder decisório da universidade, no caso a USP.

Um dos conceitos fundamentais da universidade pública é seu caráter autônomo ou de autogestão. Isso estabelece independência para sua organização pedagógica, política e institucional. Para isso, estrutura-se em diversos fóruns e cargos entremeados a uma rede burocrática complexa de poderes nos mais variados níveis decisórios. Um grande exemplo a ser citado é o Conselho Universitário da USP (C.O. = Conselho Universitário, por motivos óbvios), principal órgão centralizador do poder na USP. Junto aos diferentes pilares do tripé universitário ancoram-se comissões como as de Graduação, Pesquisa, Pós-graduação, Cultura e Extensão Universitária, entre outras. Externamente à faculdade, existem as prefeituras dos diferentes campi da USP, no nosso caso, o quadrilátero da saúde e direito, que reúnem os diretores das faculdades pertencentes à divisão em questão. Nas faculdades e unidades como a FMUSP, existem o diretor, a Congregação da Faculdade, o Conselho Técnico-Administrativo (CTA), diversas comissões de assuntos específicos como as mesmas da USP, só que para assuntos internos da faculdade Graduação, Cultura e Extensão Universitária, Pesquisa, etc. Por fim, não se pode deixar de citar a célula mater da dita democracia universitária: os departamentos dos cur-

sos com seus chefes, que geralmente são professores titulares.

As três categorias da comunidade universitária - os discentes (nós, os estudantes), os docentes e os funcionários não-docentes - têm, em todas as instâncias de decisão acima citadas, direito a participação não somente presencial, mas também com voto. Entretanto, a divisão da participação de tais órgãos colegiados é desproporcional. Isso porque os estudantes e funcionários têm apenas direito de participação com 10% dos membros nas comissões - exceto na Comissão de Graduação, com 20% - ficando os representantes discentes como representantes discípulos, enquanto os docentes preenchem a maioria dos bancos das mesmas, de acordo com a lógica meritocrática baseada na carreira acadêmica e na produtividade científica.

O que cabe ressaltar é que tal lógica gera um regime de cunho paternalista, em que o professor, como autoridade máxima acadêmica, educa seus filhos - dependentes de seu poder e conhecimento universitário. O desinteresse pelo funcionamento da universidade, a despolitização quanto às suas decisões, o esvaziamento dos poucos lugares que os estudantes têm nas comissões torna-se latente. O ideal seria que não houvesse esta distinção entre as categorias e que os cargos fossem ocupados pela competência do projeto político apresentado pelos interessados nas decisões quanto aos rumos da universidade, incutidos em uma real democracia participativa. Outra solução seria a existência da tri-paridade com relação à composição das comissões. Esse é um tema complexo, cujo debate bastante se alonga, não cabendo, portanto, a esse artigo respondê-lo.

É justamente entremeadado a essa malha institucional que surge o representante discente (RD). Ele é eleito em eleição organizada pelos próprios estudantes, com o dever de informar e deliberar sobre as decisões tomadas nas diversas instâncias da universidade. Sua atuação deve ser pautada por decisões dos estudantes no Centro Acadêmico e Assembléias Gerais. A eles cabe participar de decisões que interferem dire-

tamente o cotidiano dos estudantes na faculdade, desde a organização do curso até a organização geral da universidade. Os representantes discentes gerais da USP são eleitos juntamente com as chapas para o DCE (Diretório Central dos Estudantes da USP) e distribuídas de maneira proporcional. Já os da nossa faculdade são organizados pelo CAOC.

Os representantes discentes da faculdade, embora eleitos anualmente em eleições organizadas pelo CAOC, não fazem parte da estrutura administrativa do Centro Acadêmico, tendo liberdade na sua atuação. No entanto, para que os interesses dos estudantes sejam representados da forma mais efetiva possível, é necessário que haja harmonia entre a atuação dos representantes discentes e dos membros da diretoria do Centro Acadêmico.

## Como deve ser a participação do RD?

Os representantes discentes (RDs) participam, de forma geral, das reuniões dos mais variados departamentos e comissões da faculdade. Geralmente, as reuniões apresentam frequência mensal, pela manhã. As datas são estabelecidas anualmente, e as reuniões duram cerca de duas horas.

O perfil de quem integra a representação discente é aquele que se incomoda com os problemas existentes na faculdade e apresenta grande vontade de melhorá-las, quer o bem da Casa e dos alunos. Mas para isso, são atributos indispensáveis para a boa representação que o aluno conheça as ferramentas de atuação estudantil e se considere apto e capaz para exercer o cargo com competência e seriedade, devido à grande responsabilidade que exercer o cargo de RD implica. É de grande importância que o RD conheça a política institucional, a forma como se organiza o currículo médico, como funciona o SUS e sua relação com o aprendizado médico, saiba sobre as disputas políticas dos diferentes departamentos, sobre os encargos de determinada comissão, entre outros.

É também essencial que o RD esteja disponível para levar questionamentos por parte de qualquer estudante, e di-



vulgue suas ações para o Centro Acadêmico e para o aluno, ampliando-se o debate, uma vez que ele é considerado seu ouvidor perante os departamentos e órgãos colegiados.

A atuação do representante discente, portanto, deve ultrapassar o dever oficial de presenciar, com voz e voto, as reuniões dos departamentos e comissões da faculdade. É ser um estudante acessível para os estudantes que representa, buscar sempre estar ciente dos fatos que envolvem o seu órgão colegiado e devolver aos seus pares as conquistas e/ou dificuldades por que passa, ao tentar representá-los de forma alinhada com as resoluções em favor das melhorias institucionais e das condições dos alunos.

#### O que NÃO se deve fazer como RD?

O RD trabalha em órgãos colegiados compostos por dirigentes dos departamentos ou das instâncias de decisão da universidade. Esse fato pode aparentar-se tentador, uma vez que, com a participação em tal ambiente, facilita-se o contato com professores nas áreas de interesse futuro como médico.

Entretanto, a busca pela composição adequada dos cargos de RD visa diminuir o acesso individualista e utilitarista de alunos que fazem uso dessa ferramenta para benefício próprio, moldando seu voto de acordo com as circunstâncias políticas dos departamentos ou órgãos colegiados, sem levar em consideração aquilo que os estudantes realmente pensam e resolveram nas suas entidades representativas.

Sugere-se, como alternativa para se resolver tal problema, que o aluno procure participar de um departamento em que não pretende fazer sua residência ou especialização. Isso porque, inevitavelmente, haverá momentos em que o RD precisará votar contra uma proposta que, de alguma forma, prejudica os alunos, o que pode provocar certos desgastes dependendo das circunstâncias. Nesse sentido, acaba sendo melhor desgastar-se com professores que provavelmente não interferirão diretamente no futuro do aluno do que eventualmente entrar em conflito com possíveis chefes de amanhã. Para que a representação discente realmente funcione, a opinião dos alunos deve ser levada e defendida, por mais que isso deixe professores contrariados.

#### Como contribuir com a representação discente?

A contribuição com a representa-

ção discente pode acontecer de diversas maneiras. Nem todos os alunos sentem-se confortáveis e aptos a exercerem tais cargos, mas nem por isso deixam de questionar os acontecimentos na faculdade e os problemas do currículo médico e apontar sugestões e propostas que visam melhorá-los. Nesse sentido, o canal de comunicação mais próximo e produtivo é o contato direto do aluno com o RD. Para tanto, consta no site do CAOC cujo link é [www.caoc.org.br](http://www.caoc.org.br) uma lista completa com os RDs e seus contatos de email, ou pode-se conseguir o contato pessoal dos RDs na sala do CAOC. É lá também que se encontram os arquivos com as atas de todas as reuniões dos departamentos e órgãos colegiados, para que qualquer estudante tenha possibilidade de acesso a esse conteúdo e possa, a partir disso, indagar sobre a atuação do RD diante de um determinado assunto.

Outra via bastante acessível é comunicação com a própria diretoria do CAOC, que se empenha em estabelecer contato bastante próximo com os RDs, buscando alinhar as diretrizes e anseios por mudanças.

Dessa forma, não se deve esquecer que a eleição de um bom RD é apenas o começo de um processo democrático. Para que a representação discente tenha êxito, é preciso que todos os envolvidos com as decisões dos órgãos colegiados e departamentos se manifestem, quer seja a favor ou contra, para que as atitudes dos RDs sejam embasadas nas opiniões do corpo discente, não somente de acordo com a opinião particular de cada um.

#### Considerações finais

Por um lado, a representação discente se faz presente na atualidade e deve ser entendida com muita responsabilidade por aqueles que se propõem a dela fazer parte. É preciso ressaltar o comprometimento que os RDs assumem ao serem eleitos pelos 1080 alunos com o objetivo de representá-los e ajudar a construir uma faculdade e um curso médico melhores. Deve-se evitar, portanto, a escolha de RDs que demonstrem procurar apenas o status e a proximidade com professores, ou que pouco se sentem confortáveis nos ambientes de representação.

Por outro lado, os alunos devem participar conscientemente durante a eleição para os RDs, pois eles que representarão todo o corpo discente ao longo de um ano. Além disso, deve fazer parte das ações dos estudantes o estreitamento das relações com os RDs

e com o CAOC em caso de necessidade, por qualquer motivo.

É vital que a importância dos RDs na vida universitária seja reconhecida, mostrando que os estudantes são sujeitos ativos e autônomos na construção de uma universidade pública de organização justa e democrática, e que se busque constantemente melhorá-la. Somente se conseguirá identificar os problemas existentes no âmbito da universidade e abalizar propostas coeren-

tes de construção e de melhoria da instituição ao se consolidar uma representação discente respeitada e competente.

*Arthur Hirschfeld Danila é acadêmico da FMUSP, Conselheiro da Gestão CAOC 2009, RD da Congregação da FMUSP desde 2007, RD do Conselho Técnico-Administrativo da FMUSP desde 2008 e RD da Comissão de Cultura e Extensão Universitária da FMUSP desde 2008.*

#### Referências consultadas

1. COHON, José Calixto. O representante Discente e a Estrutura de Poder da USP. *Manual do Calouro de 2008 da FFLCH*.
2. EDITORIAL. Representação Discente ou Decente??? *O BISTURI - O jornal de estudantes de Medicina da USP*, Ano LXXVII, nº 4, p. 2, mai. 2007.
3. ICHIHARA, Tomie Heldt. Representação Discente... uma potencial ferramenta para os alunos. *O BISTURI - O jornal de estudantes de Medicina da USP*, Ano LXXVII, nº 4, pp. 4-6, mai. 2007.
4. PINOTTI, Henrique Walter (org.) et alii. *Reminiscências da Casa de Arnaldo: trajetória de 83 jovens responsáveis, coesos e alegres pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo de 1950 a 1955*. São Paulo: Ed. O.L.M., 2005. 272 p.
5. TEIVELIS, Marcelo Passos. Sobre ser RD. *O BISTURI - O jornal de estudantes de Medicina da USP*, Ano LXXVII, nº 4, p. 7, mai. 2007.

### Participe do seu Centro Acadêmico!

Para construir a história da sua faculdade, sua presença no CAOC é importante! Venha nas reuniões, conheça a diretoria, dê a sua opinião!

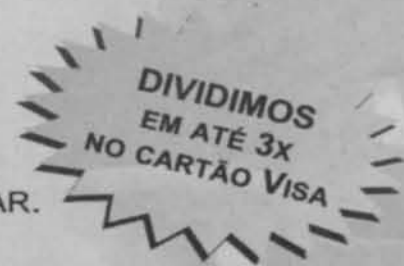
Visite o nosso site:

[www.caoc.org.br](http://www.caoc.org.br)

## PERFUMARIA DO CAOC

NATURA / AVON À PRONTA ENTREGA  
VÁRIAS PROMOÇÕES  
DESCONTO À VISTA DE ATÉ 20%

PRESENTES EM GERAL  
HIGIENE E TOUCADOR  
TUDO PARA O SEU BEM ESTAR.  
TEMOS AMWAY



AV. DR. ARNALDO, 455 | SUBSOLO, BOX 4 - COM VERGÍNIA



CAOCTICA



SOLUÇÃO  
CAOCTICA

M	O	W	E	R	S	I	S
C	O	N	O	S	A	D	S
S	O	M	E	C	E	H	A
L	E	T	E	R	O	L	S
C	U	T	O	U	M	U	R
A	O	C	O	O	A	O	O
V	O	O	M	O	O	O	O
B	O	R	O	E	N	O	S
O	V	H	N	V	I	V	O
V	L	V	L	A	V	I	A
L	L	A	T	E	I	O	R
V	I	B	U	R	Q	U	E
M	E	M	B	E	R	E	M
M	E	M	C	E	M	A	I
F	E	B	O	S	E	F	O

7	2	6	4	8	5	9	4	9	2
1	9	8	7	3	2	4	6	5	9
4	3	8	1	2	7	8	5	3	4
2	6	4	3	5	8	1	9	7	8
3	8	1	9	7	6	5	4	2	6
9	5	7	1	2	4	3	8	6	9
8	4	9	2	6	3	7	5	1	8
6	7	2	5	1	9	8	3	4	6
5	1	3	8	4	7	6	2	9	5

Soldado que luta mediante pagamento	Sanção norte-americana contra Cuba	Relativo às teorias do Pai da Psicanálise	Acessório do dândi no século XIX	Revista de aventuras (bras.)	Tecido de roupas de recém-nascidos
Classe social detentora dos meios de produção (Marxismo)	Chelo de alegria	Diverte-se no show de humor	É sempre burra, para Nelson Rodrigues	Febre intermitente ou periódica	O "leste" da rosados-ventos (abrev.)
Cavalo destinado à reprodução	Raiva	O brado do Hino Nacional	Rival de Aenas Hidrogênio (símbolo)	Ditou o destino de Edipo (MR.)	Bizarro; estapafúrdio
Peça do uniforme do garçom	O melhor conceito no boletim escolar	Diversas da primeira	De má qualidade	Que só comporta uma interpretação	(?) natura: o alimento sem aditivo químico
Letra que, dobrada, forma dígrafo	Agudes; penitentes (fig.)	"(?) do Alem", filme dos EUA	Central sindical	Grito de touradas	Discussão de idéias após a palestra
Endereços de páginas eletrônicas (inform.)			Principais agentes de erosão dos solos no litoral	Letra que sempre vem antes de P e B	
			A força impulsora da galé		

			3	8					2
6	7								
					6	3		5	1
9						4		8	
		1					5		
	6		3						7
4	3		6	9					
								6	5
	2						5	9	